

A forma de quem forma

Congresso internacional reúne cerca de mil profissionais, entre pedagogos, sociólogos e filósofos, para debater acertos e desacertos das políticas educacionais. **Págs. 4 e 5**



Gay Buss/Keystone

JUBILEU DE PRATA

Universidade celebra seus 25 anos

Pág. 12

Encartado nesta edição, o discurso do reitor da UNESP no Memorial da América Latina.



Regina Agrella

A festa, em São Paulo: 1.200 pessoas



Embora tenha sua origem no ano 273, instituído pelo Imperador Aureliano, de Roma, o primeiro registro oficial que se conhece do Natal é do ano 354. De lá para cá – e lá se vão 1.647 anos! — a festa disseminou-se por todo o planeta, que para no dia 25 de dezembro para saudar o nascimento de Jesus Cristo. Neste encarte especial, você vai conhecer os diferentes rituais de celebração da data em 22 países – do Zimbábue à China, da Austrália à Costa Rica – e vai se emocionar com a história do gigante egoísta, num belo conto do escritor irlandês Oscar Wilde. *O gigante egoísta.*

...

A Assessoria de Comunicação e Imprensa, que publica este jornal, deseja a todos uma boa leitura, um feliz Natal e um Ano Novo repleto de realizações.

Pós-graduação

Pró-reitoria lança programa em busca de novos padrões de excelência.

Pág. 3

Vestibular

Cursos recém-criados alteram relação entre candidatos e número de vagas.

Pág. 8

Os filhos do vento

De origem incerta, cercado de mistério e preconceitos e perseguido ao longo dos séculos, o povo cigano, nômade por excelência, faz do planeta a sua pátria.

Págs. 6 e 7



Reprodução/José Kaudella

COLUNA
DO REITOR

Em sua inauguração, em 1976, a UNESP contava com pouco mais de nove mil estudantes matriculados em todos os seus cursos. Hoje, 25 anos depois, situamo-nos como a segunda maior universidade pública do País e fizemos uma opção clara: somos uma instituição de ensino público e gratuito com caráter empreendedor e inovador. Uma universidade diferente, cujo centro está em todos os seus pontos e onde não existe uma área que se sobreponha a outras.

Os números da UNESP atual são significativos e refletem essa clara opção de modernidade. São dezesseis câmpus e 26 unidades de ensino e pesquisa. Oferecemos 82 cursos de graduação, compreendendo 47 carreiras nas áreas de Humanidades, Biológicas e Exatas. Mais do que isso, há 23.603 alunos em graduação; 7.263 em pós-graduação e mais 1.212 estudantes nos nossos colégios técnicos. Contamos ainda com 3.100 docentes (70% deles com o título de doutor) e 7.800 funcionários técnico-administrativos.

A UNESP, em sua breve história, dotou-se de um alto nível de ensino e pesquisa, situado dentro dos mais exigentes padrões de excelência internacional. Uma universidade moderna não pode jamais ser alienada, ou alienante, e seu desafio permanente será sempre acompanhar e promover o desenvolvimento social. A nossa gestão está convicta de que a escola de ensino superior de nossos tempos precisa estar perfeitamente vinculada aos problemas da sociedade. Necessita formar profissionais, mas sempre dentro do conceito de cidadania. Para tanto, deve atender à crescente demanda da juventude, que almeja conseguir da universidade uma sólida formação acadêmica e profissional, com qualidade.

Desse modo, a vida em nossa comunidade acadêmica tem que se pautar por uma constante reflexão crítica. Não se trata da crítica pela crítica. Ao contrário, deve buscar a reflexão e exercitar também a autocritica em seus atos e em suas idéias. A universidade deve se repensar sempre e rever suas metas e rumos permanentemente. Em consequência, o seu sentido pluralista deve ser mantido e, nestes 25 anos, a UNESP se esforçou – e continuará esforçando-se no futuro – para mantê-lo, sem intolerância, corporativismo e com diálogo entre todas as suas partes integrantes.

Quero lembrar ainda que, durante os primeiros onze meses de nossa gestão, atuamos sempre no sentido de respeitar esses mencionados valores; que são os valores precípuos da UNESP em seus 25 anos de existência. E não o fazemos em retórica; estamos presentes no cotidiano da Universidade, atuando com medidas políticas e administrativas em sua defesa e em prol de seu crescimento qualitativo e quantitativo. Esta gestão executou 17 projetos e programas nas diversas áreas de pesquisa, ensino e administração. Projetos essenciais, como a criação de um novo câmpus (São Vicente); aumento de 530 vagas e 13 novos cursos no Vestibular 2002; criação de 1.217 cargos estatutários; criação das coordenadorias por área de conhecimento, entre outros. Tais medidas são essenciais para assegurar a qualidade da atividade acadêmica da UNESP e também a sua inserção social, de forma cada vez mais extensa, moderna e plural.

José Carlos Souza Trindade

Pronta para o século XXI

DOMINGOS ALVES MEIRA

Evocar o passado, desde a criação da UNESP, transportou minha imaginação ao Salão do Paço Municipal de Araraquara. Corria o ano de 1923 e, em reunião presidida por Bento de Abreu Sampaio Vidal, discutiam-se os Estatutos da Associação Escola de Pharmacia e de Odontologia de Araraquara. Nascia, assim, a primeira das unidades que, ao lado de muitas outras que vieram a ser semeadas nas diferentes regiões do Estado de São Paulo, reuniram-se para formar a Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – a UNESP. Em 20 de dezembro de 1951, a Faculdade de Farmácia e Odontologia de Araraquara foi incorporada, como estabelecimento de ensino superior isolado, ao sistema estadual de ensino. Foi, assim, inaugurado esse sistema que congregou, uma a uma, as novas faculdades criadas pelo Governo do Estado de São Paulo.

Este passeio histórico transportou, também, minha memória para Botucatu, à época da criação da Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas – a FCMBB. A faculdade foi criada pelo Governador Carvalho Pinto,

concebida por Antonio Barros de Ulhôa Cintra, então reitor da Universidade de São Paulo. Quis Cintra que essa não fosse apenas mais uma Faculdade de Medicina para o interior paulista, mas uma escola inovadora que abrigasse, em uma única estrutura, diferentes cursos na área da saúde. Meu pai foi seu primeiro diretor. Assisti à sua posse, em setembro de 1962, em Botucatu, em meio a imensa alegria! Seus primeiros anos foram difíceis, mas suas características avançadas guindaram-na para o alto, apesar das dificuldades do percurso.

Em 1975, abriu-se a discussão para a transformação da Coordenadoria do Ensino Superior do Estado de São Paulo, Cesesp, em universidade. Órgão ligado à Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, era dirigida por um coordenador e reunia os Institutos Isolados. A UNESP foi criada no ano seguinte. E, como toda mudança gera sofrimento, a transformação dos Institutos Isolados em Universidade não foi tarefa fácil! Se, de um lado, a criação da UNESP trouxe sofrimentos, tais como a divisão de algumas unidades e o remanejamento de professores e disci-

plas para outros câmpus, de outro criaram-se novas faculdades e institutos e estabeleceram-se as condições para o prosseguimento da carreira docente.

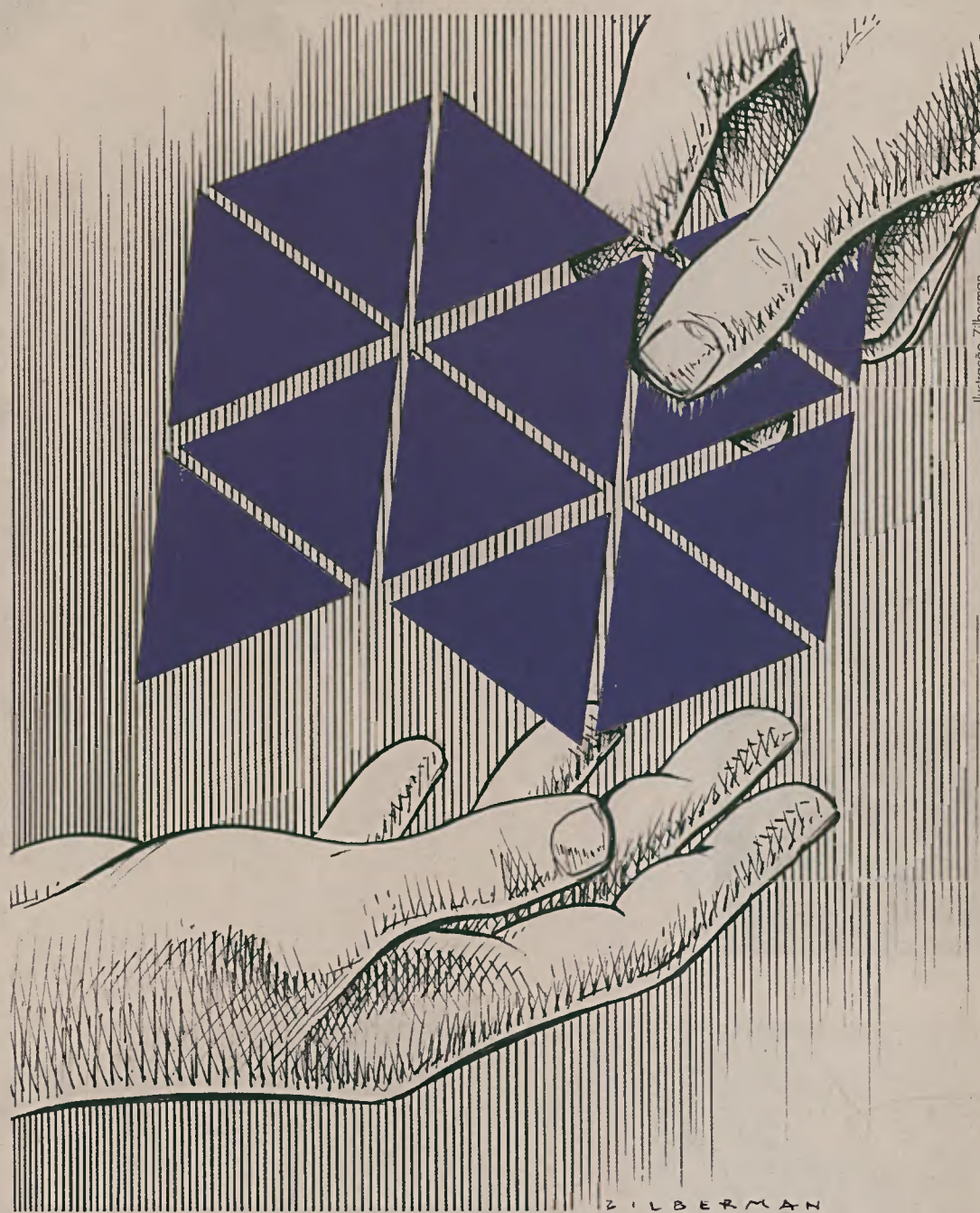
Dessa época, lembro-me de ter sido eleito representante dos professores titulares no Conselho Universitário. As reuniões do CO eram realizadas na antiga sede da Escola Politécnica, na Avenida Tiradentes, em São Paulo, uma vez que a Reitoria ocupava o prédio que fora da Cesesp, na Avenida Rio Branco, e que não comportava as reuniões de colegiado tão numeroso! Como professor titular da FCMBB, votei contra essa transformação – posição que, naquele momento, refletia a experiência vivida na faculdade e o temor de vê-la diminuída pela possibilidade iminente de sua fragmentação. Fui voto vencido e a UNESP foi criada pela Lei 952 de 30 de janeiro de 1976, sancionada pelo Governador Paulo Egydio Martins.

Passaram-se 25 anos e, hoje, a UNESP, ao lado da Unicamp e da USP, integra o Sistema de Ensino Superior do Estado de São Paulo, que tem a responsabilidade de graduar, aperfeiçoar e pós-graduar recursos humanos que possam garantir o desenvolvimento de todas as regiões desse Estado.

A UNESP tem a missão mais difícil das três universidades paulistas. As diferenças regionais das áreas em que se localizam suas unidades não se restringem ao clima e ao solo. Vão além, e incluem todos os aspectos ligados ao desenvolvimento. Tal diversidade faz com que aquilo que é pré-requisito para as regiões mais desenvolvidas do Estado, seja objetivo fim para outra, menos desenvolvida. Por isso, é necessária a ação integrada. E esse será o futuro da UNESP: desenvolver suas atividades harmonicamente, como se fora um só corpo e, no entanto, respeitando e incorporando essas peculiaridades regionais.

Domingos Alves Meira é professor titular do Departamento de Doenças Tropicais e Diagnóstico por Imagem da Faculdade de Medicina da UNESP do câmpus de Botucatu. É, também, coordenador da Área de Ciências da Saúde da UNESP.

Nota da Redação: o texto acima é uma adaptação do discurso proferido pelo professor Domingos Alves Meira por ocasião das comemorações do Jubileu de Prata da UNESP, no último dia 3 de dezembro, no Memorial da América Latina, em São Paulo.



unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Reitor: José Carlos Souza Trindade
Vice-reitor: Paulo Cezar Razuk
Pró-reitor de Administração: Roberto Ribeiro Bazilli
Pró-reitor de Graduação: Wilson Galhego Garcia
Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa: Marcos Macari
Pró-reitor de Extensão Universitária: Benedito Barraviera
Secretário Geral: Osvaldo Aulino da Silva
Chefe de gabinete: Luiz Antonio Vane
Assessoria de Informática: Adriano M. Cansian e Gérson Francisco
Assessoria Jurídica: Sandra Julien Miranda

Assessoria de Planejamento e Orçamento: Herman Cornelis Voorwald
Assessoria de Relações Externas: José Afonso Carrijo de Andrade
Diretores das Unidades Universitárias: Francisco Antonio Bertoz (FO-Araçatuba), Luiz Marcos da Fonseca (FCF-Araraquara), Ricardo Samih Georges Abi Rached (FO-Araraquara), José Antonio Segatto (FCL-Araraquara), Elizabeth Berwerth Stucchi (IQ-Araraquara), João da Costa Chaves Junior (FCL-Assis), José Carlos Plácido da Silva (FAAC-Bauru), José Brás Barreto de Oliveira (FC-Bauru), Lauro Henrique Mello Chueiri (FE-Bauru), Carlos Antonio Gamero (FCA-Botucatu), Marilza Vieira Cunha Rudge (FM-Botucatu), José Roberto Corrêa Saglietti (IB-Botucatu), Luiz Carlos Vulcano (FMVZ-Botucatu), Luiz Antonio Soares Hentz (FHDSS-Franca), Guilherme Eugênio Filippo Fernandes Filho (FE-Guaratinguetá),

Vicente Lopes Júnior (FE-Ilha Solteira), José Antonio Marques (FCAV-Jaboticabal), Kester Carrara (FFC-Marília), Messias Meneguette Junior (FCT-Presidente Prudente), Massanori Takaki (IB-Rio Claro), Maria Rita Caetano Chang (IGCE-Rio Claro), Maria Dalva Silva Pagotto (Ibilce-São José do Rio Preto), Maria Amélia Máximo de Araújo (FO-São José dos Campos) e Marisa Trench de Oliveira Fonterrada (IA-São Paulo).

JORNAL DA UNESP

Assessor chefe: Cesar Mucio Silva
Editor: Paulo Velloso
Redação: Genira Chagas e Oscar D'Ambrosio
Programadora Visual: Cristiane Tassi
Colaboraram nesta edição: Alejandro Fabian

e Waltair Martão (reportagem); Hécio Toth, Noélia Ipê e Regina Agrella (fotografia)
Produção: Mara Regina Marcato
Revisão: Maria Luiza Simões
Tiragem: 25.000 exemplares
 Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado quinzenalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI).
 A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.
Endereço: Alameda Santos, 647, 4º andar, CEP 01419-901, São Paulo, SP. Telefone (0xx11) 252-0323. Fax (0xx11) 252-0207. e-mail: aci@reitoria.unesp.br e-mail para solicitação de alteração na mala direta: maramar@reitoria.unesp.br
home-page: <http://www.unesp.br/jornal/>
Fotolito e Impressão: Graph Box - Caran Fotolito & Gráfica

Rumo à excelência

Diante de um diagnóstico desfavorável, Pró-Reitoria lança programa de reestruturação da pós-graduação

Depois de oito meses de investigação e de reuniões com os Conselhos e coordenadores de Programas, a Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (Propp) lança o Programa de Reestruturação do Sistema de Pós-Graduação da UNESP, com o objetivo de induzir os Programas desse Sistema a alcançarem padrão de excelência, reconhecimento social e conceitos superiores da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). “Queremos garantir prestígio acadêmico à Universidade”, diz o professor Marcos Macari, pró-reitor da Propp.

Atualmente, o Sistema de Pós-Graduação possui 104 programas, alguns fortes, outros nem tanto, com problemas de ordens diversas. Macari acredita que a pós-graduação da UNESP precisa de ajustes. Para ele, não é interessante que a Universidade ofereça apenas uma gama enorme de programas. “O importante é que eles sejam fortes e expressivos”, diz. Para isso, alguns programas hoje deficientes devem ser revistos, para obterem conceitos mais favoráveis da Capes. No triênio 1998/2000, a avaliação da Capes contemplou 97 programas: 31 mereceram conceitos iguais ou inferiores à nota três e nenhum atingiu o conceito máximo, sete.

No diagnóstico prévio realizado pela Propp, verificaram-se problemas estruturais importantes em grande parte deles. Entre esses problemas, a dimensão inadequada do núcleo de NRD6 – docentes vinculados à instituição com regime de trabalho mínimo de trinta horas semanais e dedicação ao programa superior a 30% da carga horária contratada – tempo médio para titulação maior que o recomendável; número impróprio de orientandos por orientador; falta de articulação entre as linhas de pesquisa e suas respectivas áreas de concentração; projetos de pesquisa em desacordo com suas linhas; produção científica desvinculada dos projetos; baixa produção científica ou sua distribuição desequilibrada, além da baixa participação dos estudantes nos projetos.

A falta de uma boa integração entre a pós-graduação e a graduação também dificulta a obtenção de melhor avaliação. Além disso, o pouco envolvimento dos docentes do Programa na captação de recursos compromete o financiamento da pesquisa e a formação de infra-estrutura das unidades. Mais ainda, é oportuno produzir livros-textos para uso na graduação e na pós-graduação (veja quadro).

A consulta aos Conselhos revelou, também, que a parte institucional da Universidade deixava a desejar, na medida em que era pouco intensa a interação da Reitoria com a administração acadêmica dos Pro-



Mariza Dias Costa

gramas. Há, porém, duas circunstâncias atenuantes da situação que se configura a partir do diagnóstico da Propp e dos conceitos atribuídos pelos avaliadores externos: a pós-graduação da UNESP foi a que mais cresceu entre as universidades públicas. No triênio 1998/2000, por exemplo, foram 97 programas avaliados, contra 76 no biênio 1996/1997. A outra circunstância foi o fornecimento de relatórios com omissão de dados à Capes ou fornecimento de informações incongruentes.

Para mudar esta situação, o Programa de Reestruturação da Pós-Graduação da UNESP contempla a implementação de várias ações, como o estabelecimento de critérios mais rigorosos para a criação de novos programas; o preenchimento assistido pela Propp dos relatórios encaminhados à Capes; o fortalecimento da articulação entre a pós-graduação e a graduação; a redução do tempo de titulação; a fusão de programas estruturalmente frágeis e a ela-

boração, por cada Programa, de um Plano de Ação Trienal, formulado sob a responsabilidade de seu respectivo Conselho, para estabelecer as estratégias que ele julgue necessárias para adequação à meta que torna a pós-graduação uma estrutura fortalecida. “Me senti amparada”, diz a psicóloga Claudete Ribeiro, professora de Psicologia da Forma do Instituto de Artes do campus de São Paulo e Coordenadora do Programa da pós-graduação da unidade. “Anteriormente, a política da nossa pós girava em torno de idéias, hoje temos um plano de ação”, completa.

Já incorporando alguns preceitos da reestruturação, o Programa de Comunicação e Poéticas Visuais, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC), campus de Bauru, foi reformulado e aguarda a aprovação da Capes. “Tudo o que contribui com o melhor desenvolvimento do curso é bem-vindo”, comenta o coordenador desse curso, o jornalista Antonio Carlos de Jesus.

Vale destacar que o Programa de Reestruturação está inscrito no Plano de Gestão 2001/2004, ao qual se integram outros programas, cujas implementações também contribuirão para resolver os problemas existentes no Sistema da Pós-Gra-

duação. Sem docentes qualificados, a tarefa de elevar o nível de qualquer universidade torna-se mais difícil. Neste contexto, o Programa de Capacitação de Docentes concede anualmente bolsas-deslocamento para que professores não-titulados frequentem cursos de pós-graduação. “É um estímulo à formação desse pessoal em nível de mestrado e doutorado”, argumenta o pró-reitor Macari.

Uma universidade atuante demanda investimentos para a melhoria das condições de trabalho e o aumento da capacidade de pesquisa que somente o repasse do ICMS não é capaz de suprir. Daí a existência do Programa de Incentivo à captação de recursos. “O docente precisa considerar a captação como parte de suas atividades”, pondera Macari. Com vistas ao desenvolvimento da pesquisa multidisciplinar, deverão ser instalados doze Centros Virtuais de Pesquisa nos próximos três anos.

O estabelecimento de teias de comunicação possibilitará à universidade maior atuação em áreas específicas de pesquisa, como os projetos temáticos estimulados pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e a aproximação de seus docentes com os de outras instituições. “Pela sua condição multicampus, a instituição precisa de um instrumento que possibilite o trabalho cooperativo”, argumenta Macari. A Fundação para o Desenvolvimento da UNESP (Fundunesp) e a reitoria subsidiarão a implantação desses Centros Virtuais.

Na Universidade, diversos desses centros já está sendo articulados. Na área de Humanidades, com reuniões na Faculdade de Ciências e Letras (FCL) do campus de Araraquara, articula-se a constituição do centro com a temática “Modernização do espaço urbano: cultura, materialidade, memória e cotidiano face aos desafios do Brasil contemporâneo”. “A Universidade gratuita precisa mesmo de estímulos”, considera o geógrafo Eliseu Savério Spósito, coordenador da pós-graduação da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), campus de Presidente Prudente, integrante desse centro em formação.

Contribuirá também para a reestruturação do sistema o Programa de Internacionalização da Pesquisa, que pretende estimular o docente a publicar seus trabalhos por meio de financiamento da versão dos textos para o inglês e do custeio das taxas de publicação. “Vamos aumentar nossa presença na literatura científica mundial”, afirma Macari. Dados quantitativos do Institute for Scientific Information (ISI), publicados no livro “O Perfil da Ciência Brasileira”, apontam que, no período de 1991 a 1993, a UNESP teve uma contribuição discreta em termos de publicações. Apenas nas subáreas biológicas e biomédicas a instituição conseguiu colocar-se entre os dez centros de pesquisa que mais publicaram artigos científicos.

Genira Chagas



Macari: estímulo

Hélio Iohi

Sem lacunas

Programa supre deficiência de livros didáticos

Afinada com a política de Reestruturação do Sistema de Pós-Graduação da UNESP, a Propp, em parceria com a Editora UNESP, criou o Programa de Edição de Livros Didáticos, voltado exclusivamente para docentes e pós-graduados da Universidade. O objetivo é a produção de livros para o ensino de terceiro grau e surge para suprir uma lacuna de mercado, resultado de uma tendência pedagógica que estimula a produção desse material pelo próprio professor. “Ao invés disso, ocorreu uma maciça tradução de livros, muitas vezes fora da realidade de nossa cultura”, diz o filósofo José Castilho Marques Neto, diretor-presidente da Editora UNESP.

Haverá suporte financeiro para a publicação de seis livros por ano. Apostilas, manuais, atlas e todo o material didático produzido pelo docente são candidatos potenciais a se converterem em livros. Para isso, o autor deve inscrever seu trabalho, até 20 de dezembro de 2001, na própria Editora. O docente que tiver sua obra publicada, na primeira edição receberá 30% do preço de capa de cada exemplar comercializado.

Há seis anos, a Editora vem promovendo a edição de textos de docentes e pós-graduados da Universidade, por meio do Programa de Edição de Textos. Desde sua criação, já foram publicados 90 títulos, dois deles premiados com o Jabuti, láurea concedida anualmente pela Câmara Brasileira do Livro: *Rosa Luxemburgo: os dilemas da ação revolucionária*, de Isabel Loureiro, e *História sem fim*, de Maria Alice Rosa Ribeiro.

(G.C.)

PRINCIPAIS PONTOS DO PROGRAMA DE REESTRUTURAÇÃO

- Estabelecimento de critérios mais rigorosos para a criação de novos programas;
- Preenchimento assistido pela Propp dos relatórios enviados à Capes;
- Fortalecimento da articulação entre a pós-graduação e a graduação;
- Monitoramento do processo de avaliação interna;
- Redução do tempo de titulação;
- Plano Trienal; e
- Estímulo à Iniciação Científica.

Quem forma está em forma?

Congresso reúne perto de mil profissionais, entre pedagogos, sociólogos e filósofos de vários países, para debater questões como a ética e a cidadania, a globalização e os acertos e desacertos das políticas educacionais

O mundo da educação brasileira passa por um momento de decisão. Por um lado, comemora-se o fato de 95,7% das crianças em idade de cursar o ensino fundamental, entre 7 e 14 anos, estarem matriculadas em escolas. No entanto, a precariedade da preparação dos profissionais de ensino, principalmente os que atuam no ensino infantil, fundamental e médio, e a dificuldade de estabelecer ações que estimulem uma prática interdisciplinar, cada vez mais importante no mundo moderno, preocupa. Essas contradições balizaram a maior parte dos temas enfocados por mais de 900 profissionais da área de educação, principalmente pedagogos, sociólogos e filósofos, durante o VI Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores, realizado entre 18 e 22 de novembro último, em Águas de Lindóia, Interior de São Paulo. “O evento não só se volta aos desafios atuais do educador, como busca relacionar temáticas importantíssimas, como ética e cidadania, combatendo a improvisação e o amadorismo em nome da formação de cidadãos solidários que se pautem por princípios de tolerância e de convivência democrática”, disse, na abertura do congresso, promovido pela pró-Reitoria de Graduação (Prograd) da UNESP, o reitor José Carlos Souza Trindade.

O tema que orientou as conferências de convidados da França, da Costa Rica, da Inglaterra e das diversas universidades brasileiras, os sete Grupos de Trabalho, os 20 Seminários temáticos e as 400 comunicações de pesquisas e relatos e depoimentos de experiências educacionais foi “Formação de Educadores: desafios e perspectivas para o século XXI”. “Trata-se de uma retomada do I Congresso, realizado em 1990, cujo núcleo era ‘Rumo ao século XXI’”, informou o pró-reitor de graduação Wilson Galhego Garcia, coordenador do projeto Pedagogia Cidadã da UNESP, que objetiva capacitar, em nível de licenciatura, 40 mil docentes das séries iniciais até 2007, cumprindo determinação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação, de 1996. “Nossas principais preocupações durante o evento foram justamente ressaltar as necessidades nacionais para formarmos profissionais com habilidades e competências adequa-



Gary Buss/Keystone

das dentro de um debate que estimule a heterogeneidade, ou seja, a multiplicidade de abordagens”, acrescentou uma das coordenadoras do Congresso, Raquel Lazzari Leite Barbosa, da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Assis.

O que não faltou ao evento foi a diversidade de focos. Logo na conferência de abertura, o filósofo francês Bernard Charlot, da Universidade de Paris VIII, apontou que o educador contemporâneo enfrenta três desafios: conviver com a globalização, transformar a educação numa prática cotidiana e diferenciar informação de saber. “A globalização pode ser feita de uma maneira desumana ou com solidariedade. Quem opta pelo segundo caminho aceita as diferenças culturais. E isso significa entender que estar informado e ganhar di-

neiro com isso não significa ser culto, sábio ou ético”, disse.

O filósofo Roberto Romano, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), não só concordou com essa visão, como mostrou, em sua conferência, os elos entre ética, cultura e educação. “No Brasil, fala-se muito em ética, mas pratica-se pouco. Isso inclui as universidades e o mundo da educação”, afirmou. “Educação e filosofia não são feitas com manuais de lógica matemática, mas com refinamento intelectual e sensibilidade. São qualidades difíceis de mensurar, mas, se deixadas de lado, permitem que o mundo da educação insista em preconceitos, como os sofridos por negros e mulheres.”

SEMESTIGMAS

Expositora do Seminário Temático “Relações de Gênero na Educação: implicações na formação de professores (as)”, a historiadora Margareth Rago, também da Unicamp, não só aprofundou as questões éticas levantadas por Romano, como apontou que a sociedade brasileira passa por um momento de transformação, principalmente na visão que tem da mulher. “Os últimos 30 anos foram decisivos. A mulher professora ainda vivencia o ônus de ter que ser, ao mesmo tempo, excelente profissional, esposa e mãe, mas uma nova geração de homens já está mais preparada para rediscutir papéis sociais em sala de aula, reduzindo estigmas como o de brincadeiras ‘de menino’ e ‘de menina’ ou de que as mulheres são mais vocacionadas do que os homens para lecionar nas séries iniciais”, disse.

A educadora Dagmar Estermann Meyer, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), participante do mesmo seminário, referiu-se ainda



Margareth, da Unicamp: estereótipos

aos espaços ocupados pelas crianças no recreio. “Os meninos geralmente dominam a quadra de esportes. Estabelecem assim uma das primeiras relações de poder. Cabe ao professor inibir esses e outros padrões, evitando, por exemplo, dizer que um caderno limpo e arrumado é ‘de menina’ e que um desordenado é ‘de menino’”, afirmou. “Esse tipo de observação cristaliza estereótipos”, complementou Margareth Rago.

Charlot contou que se debruçou sobre a realidade dos estudantes franceses e constatou que a maioria vive imersa em lugares-comuns como os que Margareth e Dagmar querem combater. “A maioria vai à escola apenas para passar de ano e considera bom professor aquele que sabe manter a classe disciplinada e que não se irrita ao ter que explicar a mesma coisa várias vezes”, comentou. “Os alunos tendem a achar que é o pro-



Garcia e o reitor Trindade: convivência democrática

Fotos Noélio Ipe

fessor que ensina, e não eles que aprendem. Falta, neles, mobilização interna para o estudo.”

Uma das formas de gerar situações em que o aluno se mobilize criticamente para pensar o seu cotidiano está na produção de bons livros didáticos. Essa é a opinião do sociólogo costarricense Mario Castillo, diretor do Programa Livro Universitário Regional (LUR), que promove a edição de livros em parceria com a Costa Rica, o governo alemão e editoras universitárias da América Latina e Caribe. “Consumimos, por décadas, livros de autores dos EUA, mal traduzidos e longe de nossa realidade, esquecendo que eles ainda são o elemento

mais importante, econômico e eficaz de transferência do conhecimento”, declarou, em conferência sobre os aspectos políticos do livro didático.

PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO

De acordo com Castillo, os educadores da América Latina devem produzir coletivamente seus materiais didáticos; seja na forma de livro, CD-ROM ou *e-book*. “O segredo é conseguir, via parcerias, altas tiragens, possibilitando preços mais baixos para os estudantes, a inibição do processo de fotocópias e a formação de bibliotecas particulares”, afirmou. “As editoras universitárias brasileiras, dentro dessa tendência, vêm se firmando cada vez mais,

ocupando espaços maiores em feiras e bienais nacionais e internacionais”, acrescentou o filósofo Jézio Hernani Gutierrez, da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, câmpus de Marília, também coordenador do congresso e assessor editorial da Fundação Editora da UNESP, que apoiou o evento.

O filósofo Antonio Joaquim Severino, da Faculdade de Educação da USP, ao participar da mesa-redonda “A formação de professores no âmbito das políticas educacionais contemporâneas”, reforçou alguns conceitos apresentados anteriormente por Charlot, Romano e Castillo. “A educação é um processo de humanização que nos integra aos mundos do trabalho, da convivência social e da cultura simbólica. Se não for praticado com ética, conduz à degradação, à sociedade opressiva e à cultura alienante”, alertou.



Gutierrez e Raquel: estímulo à heterogeneidade

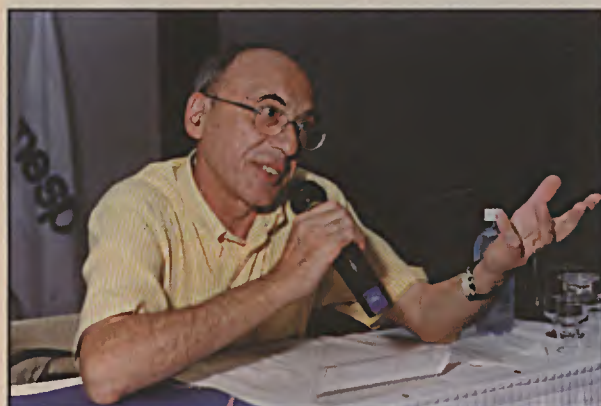
A diretora da Faculdade de Educação da UFRGS, Merion Campos Bordas, afirmou que a LDB, ao exigir diplomas universitários para os professores de educação infantil e de 1ª a 4ª séries, até 2007, pode comprometer as metas estabelecidas por Severino. “Cursos universitários realizados com baixa carga horária em sala de aula comprometem a formação desses professores”, apontou. “Realizar cursos aligeirados coloca em dúvida a qualidade profissional desses docentes”, concorda a coordenadora do grupo temático sobre formação de educadores para as séries iniciais do ensino fundamental Yoshie Ussami Ferrari Leite, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP, câmpus de Presidente Prudente.

Outro risco apontado pelos participantes do evento é a progressiva extensão dos cursos de Pedagogia. Isso ocorreria porque a política educacional do governo aponta atualmente para

uma formação de professores de educação infantil e de ensino fundamental realizada, no prazo proposto pela LDB, fora das universidades, por meio de parcerias entre as instituições de ensino e os governos estaduais. Assim seria possível capacitar os profissionais já na ativa, como vem ocorrendo com o Programa de Educação Continuada Form@ção Universitária do Governo do Estado de São Paulo, voltado para docentes de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental, do qual a UNESP participa. “O desafio está em lidar o melhor possível com as determinações legais, mas sem esquecer que a educação, seja em que nível for, deve ser emancipadora, formando mentes críticas, competentes e criativas. Nesse sentido, as discussões deste Congresso foram muito proveitosas”, concluiu Antonio Severino, da USP.



O costarricense Castillo: livros didáticos



O francês Charlot: informação não é saber

ENTREVISTA

No mundo real

Zoe Redhead fala da experiência libertária em Summerhill, escola britânica criada por seu pai, o educador A.S. Neill

Imagine uma escola instalada numa grande casa de tijolos vermelhos, rodeada de árvores e grama, onde crianças e adolescentes se sintam confortáveis, seguras e possam escolher, com inteira liberdade, o que fazer e quando fazer. Utopia? Por incrível que possa parecer, esse lugar existe – desde 1921! O nome da instituição é Summerhill School, está localizada 100 km a nordeste de Londres, na Inglaterra, e ocupa uma área de 48 km². Fundada pelo pedagogo e psicólogo inglês Alexander Sutherland Neill (1883-1973), essa escola experimental, privada, que não conta com nenhuma ajuda pública e foi ameaçada de fechamento pelo governo britânico, em 1999, se baseia inteiramente na crença de seu fundador. Ou seja, para A.S. Neill (era assim que ele se assinava), a criança é naturalmente boa e, se deixada em liberdade, pode se desenvolver tão completamente quanto a sua capacidade permitir. Com a morte do educador, sua filha, Zoe (“vida”, em grego) Redhead, assumiu a direção da escola, cargo que ocupa até hoje. Aos 55 anos, quatro filhos e dois netos, Zoe encerrou o VI Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores com a conferência “Resistência e experiência educacional”. Nesta entrevista, exclusiva ao *Jornal da UNESP*, ela explica a filosofia do projeto Summerhill e discorre sobre o dia-a-dia da escola que dirige.

Jornal da UNESP – Como é ser filha de um pai célebre, com um projeto alternativo de educação?

Zoe Redhead – Para mim, ele não era um grande pensador ou filósofo. Era meu pai. Sempre foi muito carinhoso e me apoiou em todas as decisões. Estudei em Summerhill e decidi não fazer nenhuma faculdade, para poder curtir melhor meus quatro filhos. Foi muito natural para mim assumir a direção da escola, com a morte de meu pai. Meus filhos estudaram nela – um deles é professor lá – e um de meus netos já é nosso aluno – ele é uma das 90 crianças, ou jovens, entre 5 e 18 anos, que participam dessa experiência comunitária.

JU – Qual é a base da filosofia de Summerhill?

Zoe – Tratar as crianças com o mesmo respeito com que os adultos são tratados. Isso não significa tratá-las como adultos, mas respeitar seus desejos, desde que eles não atrapalhem os outros. As crianças, divididas em turmas de 5 a 10 anos, 10 a 12, e mais velhas, devem ter liberdade de pensamento e de ação.

JU – Como é o dia-a-dia da escola?

Zoe – O café da manhã é servido das 8h às 8h45, e as crianças devem estar de pé e vestidas às 8h35. As aulas começam às 9h30, mas os alunos não são obrigados a assisti-las. Entre as matérias, estão Ciências, Matemática, Línguas, Artes, História e Geografia. Após o almoço, servido às

12h30, as crianças se espalham pelos computadores, brincam, lêem, jogam tênis ou nadam. Às 16h30, começam novamente as atividades optativas. O jantar é servido das 17h30 às 18h15. Depois, há atividades sociais, como festas e jogos. Às quintas, no período da tarde, há o Tribunal, que delibera sobre os problemas de Summerhill. Todos, crianças e professores, têm direito a voto, com o mesmo peso, sobre as questões propostas, e a vontade da maioria sempre é respeitada. Na sexta à tarde, há um Encontro Geral. Uma ceia é servida às 21h30 e, às 23h30, todos devem estar nos quartos, sendo que os mais velhos podem permanecer acordados se quiserem.

JU – Há regras nesse universo de liberdade?

Zoe – Claro. Não poderíamos viver sem elas. São cerca de 230 leis, mais do que na maioria dos colégios britânicos. Incluem ter os freios das bicicletas funcionando, grafitar apenas a parede reservada para este fim e respeitar os horários de acordar e dormir. A quebra das normas é geralmente punida pelo Tribunal com trabalhos comunitários.

JU – Por que a escola foi ameaçada de fechamento pelo governo de Tony Blair?

Zoe – Enquanto as escolas tradicionais são submetidas a visitas da Comissão de



Zoe: liberdade com responsabilidade

Ensino britânica a cada dois ou quatro anos, Summerhill recebe avaliações anuais. Isso já revela um preconceito. Em 1999, a instituição teve seu fechamento aconselhado. Entramos na justiça, contestando essa avaliação. Ganhamos, ao mostrar que nosso projeto pedagógico, por ser alternativo, tem que passar por uma avaliação igualmente diferenciada.

JU – Que mensagem Summerhill traz para a educação mundial?

Zoe – Muitos acham que nossos alunos não estão preparados para enfrentar o mundo real. Isso é falso. Nossa média de aprovação, nos tradicionais exames ingleses para crianças da faixa de idade que trabalhamos, é acima da média nacional. Nossos alunos são criativos e muitos, como eu, optam por não seguir carreira universitária. Acham, como alguns empresários contemporâneos, que mais importante do que ter títulos é saber se relacionar com o próximo. A educação compulsória pode sufocar a criatividade da criança. Como vou ensinar uma criança a amar espancando-a ou gritando “Ame o seu próximo!”? É o equilíbrio emocional que torna uma pessoa feliz e adaptada.

Vida cigana

De origem incerta, cercado de mistério e preconceitos e impiedosamente perseguido ao longo dos séculos, o povo cigano faz do planeta a sua pátria

OSCAR D'AMBROSIO

...e, no sexto dia, Deus resolveu criar o Homem. Tomou uma poção de barro, modelou uma estátua e a colocou em um forno. Resolveu então dar um passeio pelo Jardim do Éden e acabou por se esquecer de sua obra. Quando retornou, encontrou a sua criação queimada. Surgiu assim o primeiro homem negro. Resolveu tentar de novo, mas, no meio do cozimento, abriu o forno para espiar e o resultado foi uma figura pálida, o ancestral dos homens brancos. Finalmente, criou um terceiro homem, de barro cozido, no ponto exato, no tom da amêndoa. Surgiu assim o primeiro cigano. Deus ficou tão contente com essa criação que o deixou habitar livremente todos os lugares da Terra, para espalhar beleza e alegria a todos os outros povos com que habitou o planeta.

É com esta história que os ciganos, povo tradicionalmente nômade, conhecido como "filhos do vento", e ligado ao misticismo, à música e alvo



Checoslováquia, 1965, e (foto menor) Romênia, 1968: "filhos do vento"

Escravidados na Sérvia e na Romênia, queimados pela Inquisição e perseguidos pelo nazismo, eles tomaram a proteção da natureza como filosofia de vida

de muitos preconceitos – como a prostituição feminina e a ladroagem masculina – contam a sua própria origem, ainda cercada de mistério. "Os ciganos se consideram um povo semita, ou seja, originário da região da antiga Pérsia, e filho de Sem, um dos filhos de Noé, que teria se separado em dois grupos: um, que se dirigiu para o Egito, e outro, para a Índia", diz a geógrafa Solange Guimarães, do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da UNESP, câmpus de Rio Claro. "A antropologia, no entanto, analisando a

semelhança do romani, a língua cigana, com o sânscrito, afirma que eles são originários da Índia".

A autora da tese de doutorado *Paisagens & Ciganos*, em que estudou como o povo cigano sofreu nas mãos dos alemães, na Segunda Guerra, a pesquisadora, que entrevistou cerca de 30 ciganos, no Brasil e na Argentina, entre descendentes e sobreviventes do Holocausto, conheceu um mundo repleto de dor. "Cerca de 500 mil ciganos foram perseguidos e mortos pelos alemães no período, em campos de concentração ou simplesmente fuzilados e jogados em valas comuns", afirma.

No universo desse povo, lenda e realidade se misturam. O célebre nomadismo dos ciganos, por exemplo, tem uma explicação mítica, mas ainda desafia os geógrafos. "Conta-se que eles se instalaram em Sind, na Índia, onde eram muito felizes. Após um conflito, porém, os muçulmanos os expulsaram, destruindo toda a cidade. Por isso, eles foram obrigados a vagar de uma nação para outra."

As razões do nomadismo, no entanto, parecem ser mais complexas. Sabe-se, por exemplo, que os ciganos já estavam na Europa Ociden-

tal em torno do século XV. "Como os europeus imaginavam que eles vinham do Egito, foram batizados por nomes originários daquele país, como *gipsy*, em inglês; *gitan*, em francês e *gitano*, em espanhol", diz a docente do IGCE.

O preconceito e a dificuldade de fixação numa região teria vários motivos. Devido à pele escura, vista na Europa de então como sinal de inferioridade e de impureza, os ciganos eram confundidos com os turcos, perseguidos por serem inimigos da igreja. Esta, por sua vez, condenava a prática da cartomancia e da quiromancia pelas mulheres ciganas. As corporações de ofícios medievais também tendiam a excluir os ciganos, porque eles eram concorrentes no artesanato, sobretudo no trabalho com metais. "Surgem, assim, numerosas lendas para denegrir os ciganos, como a que afirma que eles são descendentes de Caim, o assassino de Abel", afirma Solange.

Houve até aqueles que acreditavam que os ciganos teriam fabricado os pregos usados para crucificar Cristo. "Do preconceito para a marginalidade e a discriminação foi um passo. Eles foram escravizados na Sérvia e na Romênia, queimados pela Inquisição e discriminados pela teoria da pureza racial do nazismo", explica a pesquisadora.

Os ciganos somam hoje cerca de 12 milhões de indivíduos, um milhão deles no Brasil. O primeiro a chegar por aqui foi Joan de Torres, degredado para o Brasil pelo rei português D. Sebastião, em 1574. "Nos séculos seguintes, graças ao comércio, alguns prosperaram e, no início do século XIX, algumas das



Checoslováquia, 1963: celebração da morte

casas mais bonitas do Rio de Janeiro, então capital do Brasil, eram os sobrados dos ciganos", conta Solange. Novos grupos vieram para o Brasil nos anos 1920 e 1930, quando começam a surgir no Velho Continente as políticas raciais de eugenia.

A cidade de Campinas é considerada a Meca Cigana, em toda a América do Sul. Mas há outras cidades brasileiras com muitos ciganos, como Rio Claro, Americana e Bauru, no Estado de São Paulo, e Contagem, em Minas Gerais. "Eles se dedicam, nessas localidades, a atividades como a metalurgia, a criação de cavalos e o garimpo."

A partir de 1999, os ciganos residentes no Brasil deram um importante passo contra o preconceito. Passaram a contar com um representante na Comissão Especial de Apuração do Patrimônio Nazista no Brasil. "Isso abre a possibilidade de lutarmos pela devolução dos nossos bens tomados pelo nazismo", diz Cláudio Domingos Iovanovitch, presidente da Associação de Preservação da Cultura Cigana, entidade fundada, em 1996, por famílias de origem cigana com residência fixa em Curitiba, PR, há mais de 60 anos.

A geógrafa da UNESP estudou profundamente os hábitos ciganos e

aponta os estereótipos que frequentemente recaem sobre eles. "Nem todas as mulheres são fúteis, como a Carmen da ópera de Bizet, nem os homens galãs, embusteiros ou exímios cavaleiros", diz. "As prostitutas são banidas do grupo e os decotes, quando existem, ocorrem porque a sensualidade para os ciganos não está nos seios, mas nas pernas, vistas como a parte mais próxima da vida, pois conecta a genitália com a terra, fonte sagrada da vida de um cigano."



Bratislava, 1965: sensualidade espontânea

Mesmo aculturados, segundo Solange, os ciganos guardam algumas tradições, como ter poucos móveis nas casas, sentar no chão ou em almofadas, passar as tradições para as novas gerações, oralmente, em encontros familiares, e usar roupas coloridas. "O mundo em branco e preto não tem sentido no imaginário cigano. É por meio das cores que eles expressam a alegria de viver", afirma.

Segundo uma lenda cigana, após criar o homem, Deus reuniu todos os povos



Checoslováquia, 1967

Há quem acredite que foram eles que fizeram os pregos que crucificaram Cristo

O fotógrafo

Nascido na Tchecoslováquia, em 1938, o autor das imagens que ilustram estas páginas, Josef Koudelka, é considerado um dos maiores fotógrafos em atividade, em todo o mundo. As fotos foram feitas entre 1967 e 1975, em vários países da Europa, e publicadas no livro *Gypsies*, pela Aperture. Vivendo em Paris, França, Koudelka é associado da agência Magnum e publicou, ainda, os livros *Exiles* (1988) e *Chaos* (2000).

do mundo num lindo gramado e deu direito a cada um de escolher o que quisesse. Alguns pediram casas, outros riquezas, enquanto os ciganos nada disseram. Como recompensa, Deus lhes deu o mundo. Daí vem o lema cigano: "A terra é minha pátria, o céu, o meu teto; a liberdade, a minha religião". "Os ciganos têm a proteção da natureza como filosofia de vida. Vêem o planeta como seu lar e, por isso, o preservam", conclui Solange.

Ninguém toca como eles

A música inconfundível de um povo discriminado

A música é a maior manifestação artística do povo cigano. "O som de um violino cigano é inconfundível. Fica no meio termo entre a alegria e o lamento", diz Solange Guimarães, do IGCE, câmpus de Rio Claro da UNESP. Compositores clássicos de obras para piano, como o húngaro Franz Liszt, no século XIX, e os espanhóis Isaac Albéniz e Enrique Granados, no início do século XX, também sofreram forte influência da música cigana. "A melhor expressão da música cigana, porém, está no som da guitarra e na dança do flamenco", diz a geógrafa. E bons exemplos disso não faltam, como Django Reinhardt, Paco de Lucía e o vencedor do Latin Grammy 2000 de Jazz Latino, Tomatito.

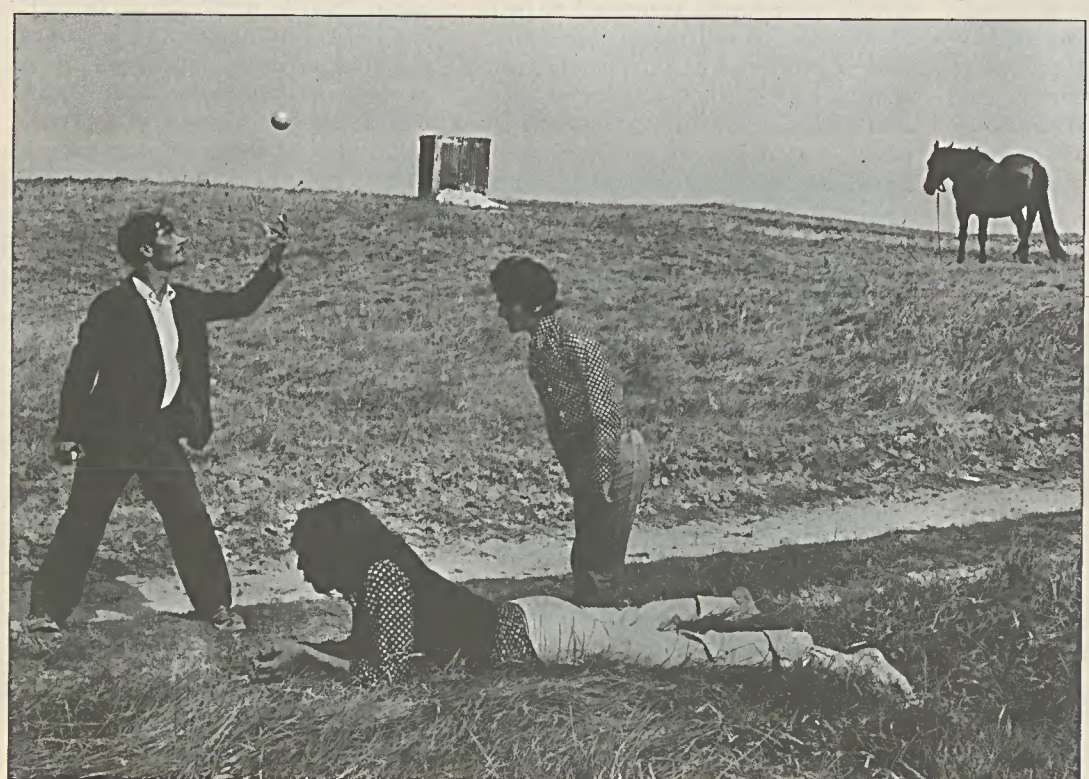
No Brasil, o maior artista de origem cigana é Wagner Tiso, autor, com Milton Nascimento, de *Coração de Estudante*. Nascido em 1945, em Três Pontas, MG, de mãe de descendência cigana, originária de família iugoslava radicada no Brasil desde a década de 1940, o compositor, tecladista e arranjador aprendeu cedo a conviver com os preconceitos que rondam os ciganos. "Meu sobrenome vem do rio Tisa, que corta a Ucrânia, passa pela Iugoslávia e desemboca no rio Danúbio. Ninguém sabia da nossa origem, no Brasil, porque meus pais, com medo do preconceito, escondiam suas raízes", diz o músico. Em 1972, quando estudava na Europa, Tiso pesquisou as origens perdidas da família. "Cheguei até a acompanhar, por Portugal e

Espanha, um grupo cigano de um circo errante", diz. "O resultado dessa viagem só veio a aparecer no CD *Baobab*, que gravei em 1990 e é o mais cigano dos meus trabalhos", conta.

(O.D.)



Manifestação artística: entre a alegria e o lamento



França, 1973: nomadismo tem explicação mística, que desafia geógrafos



Checoslováquia, 1967



Espanha, 1974

Jornal da UNESP

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Dezembro/2001 - ANO XVI - Nº 163



Embora tenha sua origem no ano 273, instituído pelo Imperador Aureliano, de Roma, o primeiro registro oficial que se conhece do Natal é do ano 354.

De lá para cá – e lá se vão 1.647 anos! –, a festa disseminou-se por todo o planeta, que pára no dia 25 de dezembro para saudar o nascimento de Jesus Cristo. Neste encarte especial, você vai conhecer os diferentes rituais de celebração da data em 22 países – do Zimbábue à China, da Austrália à Costa Rica – e vai se emocionar com a história do gigante egoísta, num belo conto do escritor irlandês Oscar Wilde.

• • •

A Assessoria de Comunicação e Imprensa, que publica este jornal, deseja a todos uma boa leitura, um feliz Natal e um Ano Novo repleto de realizações.

O mundo em festa

Os rituais que cercam a celebração do Natal, em 22 países

Estados Unidos

O Natal americano é rico, literalmente – em cores, brilhos e... compras. Semanas antes do 25 de dezembro, as pessoas superlotam calçadas, lojas e *shoppings* em busca de presentes para a família. As decorações das lojas são conhecidas no mundo todo. Nas casas, predominam enfeites com lâmpadas coloridas, bonecos de neve, velas vermelhas e guirlandas. Na véspera, vizinhos se unem para cantar *Christmas Carols* (canções de Natal). As crianças penduram meias na lareira e, na manhã do dia 25, abrem os presentes. O prato típico americano é o peru recheado, acompanhado de frutas tropicais. Os americanos inventaram o hábito de dar presentes no trabalho. É o *Secret Santa*, conhecido no Brasil como "Amigo Secreto" ou "Amigo Oculto", no qual as pessoas não sabem de quem receberão os presentes.

México

O Natal gira em torno de procissões – as *posadas* –, que recordam os difíceis momentos que antecederam o nascimento de Jesus. Elas têm a duração de nove dias, período que a Sagrada família levou para ir de Nazaré a Belém, antes do Natal. A cada dia, é encenada a busca de José e Maria por alojamento em Belém: duas crianças carregam imagens de José e Maria a várias casas. As pessoas batem, então, à porta e pedem abrigo. O pedido é recusado, até que o dono de uma casa previamente escolhida aceita e todos festejam. As crianças tentam quebrar, de olhos vendados, com um bastão, a *piñata*, um objeto de papel ou argila pendurado no teto, vividamente decorado, contendo, em seu interior, doces e pequenos brinquedos. Quando ela é derrubada, as crianças disputam os presentes que caem no chão.

Guatemala

As festas de Natal começam no dia 7 de dezembro, com a "Queima do Diabo", na qual as pessoas retiram de suas casas aquilo que não utilizam, fazendo uma fogueira. Acreditam que, assim, estão se livrando dos males que nelas habitam. No dia seguinte, a celebração da Imaculada Conceição inclui fogos de artifício e muita música. No dia 12, as crianças são vestidas com trajes típicos e levadas às igrejas onde está a imagem da Virgem de Guadalupe, protetora do país. Outra tradição é a do "Roubo do Menino". É comum que um amigo, ao visitar uma casa, retire a imagem da manjedoura. O dono da casa deve então esperar pacientemente que o "ladrão" devolva a imagem, celebrando uma festa para comemorar o retorno do Menino.

El Salvador

Desde as primeiras semanas de dezembro, as praças e ruas ficam repletas de vendedores de pólvora e de fogos de artifício, usados na celebração da chegada do Ano Novo. Antes da meia-noite, o mais velho da família abençoa a testa dos convidados com a imagem do Menino Jesus, que só é devolvida à manjedoura, depositada debaixo da árvore de Natal, após a décima segunda badalada. Em seguida, ocorre a troca de presentes. No Ano Novo, são atraídas três laranjas embaixo da cama: uma sem casca (ano bom), outra com metade da casca (ano razoável) e outra com casca (ano ruim). Em seguida, as pessoas se agacham e retiram uma das frutas, com os olhos vendados, fazendo uma espécie de predição de como serão os dias que virão.

Costa Rica

Na manhã do dia 25, a família se reúne em torno da árvore para a troca de presentes. Igualmente, bonecos de Colachos (também chamados de San Nicolas ou Santa Claus) enfeitam as ruas e casas. Nos quatro domingos que antecedem o Natal – o período do Advento – são acesas velas. Na cidade de Zapote, as festas incluem uma versão local das touradas espanholas, na qual 200 toureiros improvisados lidam com um touro. No dia seguinte ao Natal ocorre El Tope, desfiles de cavalos de raça e carruagens e, no dia 27, mais um desfile, o Festival da Luz, com veículos antigos iluminados com lâmpadas artificiais.

Chile

Assim como na maioria dos países latino-americanos, as famílias armam pequenos pinheiros ornamentados com luzes e guirlandas. Aos pés deles fica o presépio, com pequenas figuras representando o Menino Jesus, a Virgem Maria, São José, os Reis Magos, os pastores, anjos e os animais que estavam no estábulo em que ocorreu o nascimento. Muitos comparecem às Igrejas para assistir à Missa do Galo, em que se anuncia e celebra-se o nascimento de Cristo. A troca de presentes ocorre após a meia-noite.

Ingllaterra

As crianças penduram meias para que o Father Christmas – que veste um casaco mais comprido e tem uma barba maior do que o Santa Claus norte-americano – as encha de presentes. Na tarde do dia 25, assiste-se, pela televisão, à mensagem especial da rainha. A ceia consiste em peru assado, torta de carne e pudim de ameixa. Desde a Idade Média, são realizados os *mummings*, apresentações teatrais com pessoas mascaradas, organizadas nas escolas e nas igrejas de pequenos povoados. A comida tradicional é o *pudding*, que deve ser mexido, no primeiro domingo do Advento, por cada membro da família na direção este-oeste, caminho dos Reis Magos para visitar o Menino Jesus, enquanto se faz um pedido secreto. Dia 26, é o *Boxing Day*, no qual são abertas as caixas de esmola das paróquias, para que seu conteúdo seja distribuído entre famílias pobres.

Espanha

Papai Noel deixa brinquedos na noite de 24 de dezembro e, em 5 de janeiro, os três Reis Magos (Gaspar, Melquior e Baltazar) repetem o gesto. Esta segunda tradição é mais forte e tem um charme especial: os pais estimulam os filhos a deixarem baldes com água e capim para os camelos dos reis do Oriente. Na manhã do Dia de Reis, as crianças não só esperam ansiosamente para ver o que os Reis deixaram junto aos sapatinhos depositados embaixo da árvore de Natal, mas querem saber se os animais se alimentaram direito antes de seguir viagem (cabe aos pais acordar bem cedo para jogar fora o capim).

Itália

A festa de Natal começa com o *canone*, na noite de 24 de dezembro, que inclui *antipasti*, espagete, peixe, verduras, frutas frescas e torrone. Na noite do dia 31, as pessoas comem lentilhas, para ter sorte e prosperidade. A meia-noite, romanos e napolitanos jogam fora móveis e roupas velhas para apagar o passado. Babbo Natale traz os presentes na Noite de Natal e, no dia 5 de janeiro, é a vez de La Befana. Voando sobre os telhados com a sua vassoura, ela traz presentes para as crianças que se comportaram bem.

Gana

Parentes e amigos se visitam, percorrendo cidades e vilas em carros e ônibus decorados com as cores e motivos da festa. Ter um contato com os pais é visto como um dever. Uma árvore do jardim, geralmente uma mangueira ou goiabeira, é enfeitada pelas crianças. Os presentes são distribuídos por Father Christmas, uma reminiscência do passado colonial britânico, mas o cumprimento para Feliz Natal e Próspero Ano Novo é resumido numa só palavra do dialeto Akan: "Afishapa".

Chipre

O Natal, ao lado da Semana Santa, é a festa mais importante para os cristãos ortodoxos. Os mais tradicionais jejuam por 40 dias, nos quais comem apenas verduras. Os mais jovens, porém, já não conservam a tradição. Na noite de Natal, Papai Noel chega com muitos presentes, principalmente roupas novas. As crianças vão de casa em casa cantando *kalandas*, canções bizantinas. Como agradecimento, recebem dinheiro, balas e doces.

Brasil

As celebrações de Natal nas grandes capitais brasileiras, como São Paulo e Rio de Janeiro, têm muita influência norte-americana, principalmente em relação às decorações feericamente iluminadas. Em pleno trópico, Papai Noel surge em meio à "neve", e as casas são decoradas com pinheirinhos. Entre as tradições folclóricas, as Foliás de Reis ainda subsistem em Minas Gerais e Goiás. Vão de 23 de dezembro a 6 de janeiro e têm uma rica feição cabocla, oriunda da mistura entre elementos europeus e indígenas. São 15 dias de festa, onde um grupo de pessoas – a folia –, liderado por um afofere, vai de fazenda em fazenda, a pé ou a cavalo, visitando os presépios. Quando o grupo chega, cercado por muita festa, o líder entrega uma bandeira vermelha ao dono da casa, que a beija e a coloca junto ao presépio. Um gole de pinga serve como aperitivo para o jantar, que inclui leitoa assada, frango frito, tutu e arroz.

França

Um dos pontos fortes do Natal francês é a qualidade e a diversidade dos alimentos servidos na ceia. Cada região tem o seu prato tradicional. Na Borgúndia, por exemplo, é o peru com nozes e, em Paris, ostras e patê. O Papai Noel vem acompanhado do Pere Fouetard, encarregado de informar ao bom velhinho o comportamento de cada criança durante o ano. As crianças colocam sapatos sobre a lareira, à espera dos presentes. Os presépios são feitos com peças de cerâmica. No sul do país, há artesãos especializados na sua confecção, sendo que os moldes mais antigos são do século XVII e a feira mais antiga dessas figuras ocorre, todo mês de dezembro, em Marselha.

Alemanha

As festas natalinas alemãs apresentam algumas diferenças entre si, dependendo da região onde ocorrem. Em algumas localidades, *Knecht Ruprecht* e seus ajudantes oferecem, em 6 de dezembro, bolos, avelãs e um pequeno brinquedo às crianças que se comportaram bem ao longo do ano, enquanto as mais travessas têm que se resignar com a visita de Krampus, que lhes deixa um pedaço de carvão. Segundo uma tradição popular da região católica do Sul do país, o Christkind (Menino Jesus) traz os presentes na noite de Natal. Nas regiões mais ao norte, os pais costumam dizer que o *Weihnachtsmann* (Homem do Natal) é quem faz a entrega.

China

Os chineses comemoram o Natal decorando as suas casas e árvores, chamadas "árvores de luz", com lanternas coloridas, flores e outros enfeites de papel. As crianças penduram seus pés de meia para que Papai Noel – conhecido como Dun Lhe dao Ren, o "velho natal" – coloque ali os presentes. Como a maioria dos chineses não é cristã, a principal festividade deste período é a comemoração do Ano Novo chinês, que acontece numa data variável, no final de janeiro. Durante as festas, as crianças recebem roupas novas e brinquedos e há inúmeros shows com fogos de artifício. Na comemoração do Ano Novo, é feita uma homenagem aos ancestrais. Retratos e pinturas deles são colocados no principal cômodo da casa para serem vistos e lembrados pelos seus atuais membros.

Japão

A festividade do Natal foi introduzida pelos missionários cristãos e, durante muito tempo, a data foi comemorada apenas por eles. Nas últimas décadas, porém, todos, cristãos ou não, passaram a saudar a data. Isto ocorre porque, na cultura japonesa, há uma longa tradição de troca de presentes, atitude que o Natal estimula. Como as bonecas sempre foram muito valorizadas no Oriente, o presépio também encantou os japoneses. Há ainda um monge – *hotoesho*, o bom velhinho – que, como Papai Noel, leva um saco com presentes às costas, mas tem um segundo par de olhos na parte de trás da cabeça. Com eles, observa se as crianças estão se comportando bem. É curioso observar que, ao conhecer a história do nascimento de Jesus em uma manjedoura, os meninos e meninas japoneses travam contato com a idéia de berço, já que os bebês japoneses não dormem neles.

Hong Kong

A população realiza sua grande festa, chamada Chiu, que é uma comemoração taoísta voltada para a limpeza e a renovação. Os deuses de cada templo da cidade são reunidos em um único local, onde a população deposita oferendas. Ao final da celebração, os sacerdotes lêem em voz alta o nome de cada um dos moradores do bairro. Pegam então essa lista, enorme, e a prendem num balão, colocando fogo nela logo em seguida. Em chamas, a lista sobe para o céu, num ato que se acredita trazer prosperidade a todos.

Austrália

Muitos celebram o Natal com um piquenique ou um passeio à praia – a preferida é a de Bondi, em Sydney. Numa tradição que remonta a 1937, as pessoas se reúnem, em Melbourne, para entoar cânticos religiosos à luz de velas. Peru e pudim de ameixas são os pratos tradicionais.

Índia

Enquanto os brasileiros decoram pinheirinhos, árvores ausentes da maior parte das regiões do País, os indianos decoram árvores nativas durante o Natal. Mangueiras, principalmente, são enfeitadas e folhas dessas árvores são utilizadas para fazer objetos de decoração. Em algumas regiões, pequenas lâmpadas de argila são acesas com óleo e servem também para decorar a casa, telhados e muros. Nas igrejas, utilizam-se velas e bicos-de-papagaio. Na manhã do dia 25, as crianças encontram, penduradas na árvore de Natal, presentes, doces e frutas. São realizadas representações do nascimento de Cristo nas catedrais, com atores e marionetes.

O gigante egoísta

Oscar Wilde

Todas as tardes, à saída da escola, as crianças estavam acostumadas a ir brincar no jardim do gigante. Era um jardim grande e muito bonito, coberto de grama verde e suave. Dispersas sobre a grama brilhavam belas flores, como estrelas, e havia uma dúzia de pessegueiros que, na primavera, cobriam-se de delicados botões rosáceos e, no outono, davam saborosos frutos.

Os pássaros pousavam nas árvores e cantavam tão deliciosamente que as crianças interrompiam suas brincadeiras para escutá-los.

— Que felizes somos aqui! — gritavam uns aos outros.

Um dia o gigante regressou. Fora visitar seu amigo, o ogro de Cornualles, e permanecera com ele durante sete anos. Transcorridos sete anos, havia dito tudo o que tinha que dizer, pois era um homem parco em palavras e decidiu voltar para seu castelo. Ao chegar, viu as crianças brincando no jardim.

— O que vocês estão fazendo aqui? — gritou-lhes com voz azeda e as crianças saíram correndo.

— Meu jardim é meu jardim — disse o gigante. — Já chegou a hora de vocês entenderem isso e não vou permitir que ninguém além de mim brinque nele.

Então construiu um alto muro ao redor do jardim e pôs o seguinte cartaz:

Proibida a entrada.

Os transgressores serão processados judicialmente.

Era um gigante muito egoísta.

As pobres crianças não tinham, então, onde brincar.

Tentaram fazê-lo na estrada, mas a estrada estava cheia de poeira e de pedras pontiagudas e não gostaram.

Acostumaram-se a vadiar de um lado para o outro, ao terminar os deveres da escola, ao redor do alto muro, para conversar sobre o lindo jardim que havia do outro lado.

— Que felizes éramos ali! — diziam-se uns aos outros.

Então chegou a primavera e o país todo encheu-se de botões e passarinhos. Só no jardim do gigante egoísta continuava sendo inverno.

Os pássaros não se preocupavam de cantar ali desde que não havia crianças e as árvores se esqueceram de florescer. Só uma bonita flor levantou a cabeça sobre o mato, mas quando viu o cartaz entristeceu-se tanto, pensando nas crianças, que se deixou cair outra vez na terra e adormeceu.

Os únicos satisfeitos eram a Neve e o Gelo.

— A primavera esqueceu-se deste jardim — gritavam. — Poderemos viver aqui durante o ano todo.

A Neve cobriu a grama toda com seu manto branco e o gelo pintou de prata todas as árvores. Então convidaram o Vento do Norte para passar uma temporada com eles, e o Vento aceitou.

Chegou coberto de peles e uivava o dia todo pelo jardim, derrubando as capuchas das chaminés.

— Este é um lugar delicioso — dizia. — Temos que dizer ao Granizo que venha nos visitar.

E chegou o Granizo. Cada dia durante três horas tocava o tambor sobre o telhado do castelo, até que quebrou a maioria das telhas e então pôs-se a dar voltas ao redor do jardim correndo o mais veloz que podia. Ia vestido de cinza e seu hálito era como o gelo.

— Não posso compreender como a primavera demora tanto para chegar — dizia o gigante egoísta, ao olhar pela janela e ver seu jardim branco e frio. — Espero que este tempo mude!

Mas a primavera não chegou e o verão também não. O outono deu dourados frutos a todos os jardins, mas ao jardim do gigante não lhe deu nenhum.

— É egoísta demais — dizia.

Assim sendo, sempre era inverno na casa do gigante e o Vento do Norte, o Gelo, o Granizo e a Neve dançavam entre as árvores.

Uma manhã, o gigante ainda estava deitado, quando ouviu uma música deliciosa. Soava tão docemente aos seus ouvidos que ele pensou que seria o rei dos músicos que passava por ali. Na realidade era só um pintassilgo que cantava diante de sua janela, mas fazia tanto tempo que ele não ouvia um pássaro cantar no seu jardim que lhe pareceu a música mais bonita do mundo. Então o Granizo deixou de dançar sobre sua cabeça, o Vento do Norte deixou de rugir e um delicado perfume chegou até ele, através da janela aberta.

— Acho que, finalmente, chegou a primavera — disse o gigante; e saltando da cama olhou para fora. O que foi que ele viu?

Viu um espetáculo maravilhoso. Por uma fresta aberta no muro, as crianças tinham penetrado no jardim, tinham subido às árvores e estavam sentadas nos seus galhos. Em todas as árvores que estavam ao alcance de sua vista, havia uma criança. E as árvores se sentiam tão felizes de tornar a ter as crianças consigo, que se cobriram de botões e agitavam suavemente seus galhos sobre a cabeça das crianças.

Os pássaros revoloteavam e conversavam com deleite e as flores riam erguendo a cabeça sobre a grama. Era uma cena maravilhosa. Só num cantinho continuava sendo inverno. Era o cantinho mais afastado do jardim e ali se encontrava um menino muito pequeno. Tão pequeno que não podia alcançar os galhos da árvore, e dava voltas ao seu redor chorando desconsolado. A pobre árvore continuava ainda coberta de gelo e neve e o Vento do Norte soprava e rugia a sua volta.

— Suba, pequeno! (dizia-lhe a árvore e lhe esticava seus galhos bem

abaixo o mais que podia; mas o menino era pequeno demais. O coração do gigante enterneceu-se ao contemplar aquele espetáculo.

Que egoísta que eu fui — disse lá com seus botões. — Agora compreendo porque a primavera não veio até aqui. Vou colocar o menininho no alto da árvore, derrubarei o muro e meu jardim será o parque de recreio das crianças para sempre.

Estava verdadeiramente arrependido pelo que tinha feito.

Lançou-se escadas a baixo, abriu a porta principal com toda suavidade e saiu ao jardim.

Mas as crianças ficaram tão assustadas quando o viram que fugiram correndo e no jardim voltou a ser inverno.

Só o menininho não correu, pois seus olhos estavam tão cheios de lágrimas, que não viu o gigante chegar perto dele. E o gigante deslizou-se atrás dele, pegou-o carinhosamente no colo e colocou-o sobre a árvore. A árvore floresceu imediatamente, os pássaros se aproximaram e a criança estendeu os bracinhos, rodeou com eles o pescoço do gigante e beijou-o.

Quando as outras crianças viram que o gigante já não era mau, voltaram correndo e a primavera voltou com elas.

— De agora em diante, este é o jardim de vocês, minhas queridas crianças — disse o gigante, e pegando um grande machado derrubou o muro. E quando ao meio-dia passaram por ali pessoas que iam ao mercado, encontraram o gigante brincando com as crianças no jardim mais bonito que elas já tinham visto.

Durante todo o dia estiveram brincando e ao entardecer foram se despedir do gigante.

— Mas onde está o menininho, aquele que eu subi à árvore? — perguntou.

Esta era a criança que o gigante mais gostava porque o havia beijado.

— Não sabemos — responderam as crianças — foi-se embora.

— Diga-lhe que venha amanhã sem falta — disse-lhes o gigante.

Mas as crianças disseram que não sabiam onde ele morava e nunca o tinham visto antes. O gigante ficou muito triste.

Todas as tardes, quando terminavam as aulas, as crianças iam brincar com o gigante. Mas o menininho, de que o gigante tanto gostava, não apareceu nunca mais. O gigante era muito bom com todas as crianças mas sentia saudade daquele pequeninho e muitas vezes falava dele.

— Como eu gostaria de vê-lo — costumava dizer.

Transcorreram vários anos e o gigante envelheceu muito e cada vez estava mais débil. Já não podia participar das brincadeiras.

ras; sentado na sua grande poltrona via as crianças brincarem e admirava seu jardim.

— Tenho muitas flores formosas — dizia — mas as crianças são as flores mais belas.

Uma manhã invernal olhou pela janela, enquanto estava se vestindo. Já não detestava o inverno, pois sabia que o inverno não era mais que a primavera adormecida e o repouso das flores.

De repente esfregou os olhos, atônito, e olhou e tornou a olhar. Verdadeiramente tratava-se de uma visão maravilhosa. No mais longínquo cantinho do jardim havia uma árvore totalmente coberta de lindos botões brancos. Seus galhos eram dourados, frutos de prata penduravam-se deles e debaixo, de pé, estava o menininho que ele tanto gostava.

O gigante correu escadas a baixo com grande alegria e saiu ao jardim. Correu precipitadamente pela grama e chegou perto do menino. Quando estava perto dele, seu rosto ficou vermelho de raiva e exclamou:

— Quem se atreveu a feri-lo? — Pois nas palmas das mãos do menino havia a marca de dois pregos, e a mesma coisa acontecia nos seus pezinhos.

— Quem se atreveu a feri-lo? — gritou o gigante. — Diga-me quem foi para que eu pegue minha espada e o mate.

— Não — respondeu o menininho. Estas são feridas do amor.

— Quem é você? — perguntou o gigante; e um estranho temor invadiu-o, fazendo-o cair de joelhos diante do pequeno.

E o menino sorriu ao gigante e lhe disse:

— Uma vez você me deixou brincar no seu jardim, hoje você virá comigo ao meu jardim, que é o Paraíso.

E quando chegaram as crianças aquela tarde, encontraram o gigante deitado, morto, debaixo da árvore, todo coberto de botões brancos.

O autor

Mais conhecido como poeta, dramaturgo e romancista, Oscar Wilde (1854-1900) também dedicou-se à redação de histórias infantis, como este *O gigante egoísta* que ora publicamos. Nascido em Dublin, Irlanda, estudou em Oxford, na Inglaterra, onde ganhou destaque como escritor. Em 1879 mudou-se para Londres, ganhando notoriedade pelo seu comportamento inusual. Homossexual, vestia-se com roupas de veludo e meias de seda pretas, adotando como acessório uma inseparável bengala com empunhadura de pedras preciosas. Em 1895, foi processado por atentado ao pudor e condenado a dois anos de trabalhos forçados. Solto, exilou-se em Paris, onde morreu vitimado por meningite. Seus textos mais célebres são *O Retrato de Dorian Gray* (1891), *Salomé* (1893), *A balada do Cárcere de Reading* (1898) e *A importância de ser prudente* (1899).

Prova de fogo

Instituição monta estratégia especial para aplicar exames em 950 mil alunos

Criada em 1979, a Fundação para o Vestibular da UNESP (Vunesp) tem prestado excelentes serviços nas áreas de planejamento, organização e execução de vestibulares, como os da UNESP e da Universidade Federal de São Carlos, e concursos, como o do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo e o do Banco Central do Brasil. A atual estratégia da instituição, dentro da orientação da Reitoria, é a de firmar novas e eficientes parcerias. O primeiro grande desafio ocorreu em setembro e novembro últimos, quando a Vunesp coordenou a embalagem, distribuição e aplicação de exames em aproximadamente 950 mil alunos da rede pública estadual paulista, em 28.091 classes de 5.973 escolas de todo o Estado de São Paulo em apenas 60 dias. A instituição foi responsá-

vel pelo exame do Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (Seresp), criado, em 1996, pela Secretaria da Educação Estadual para avaliar os alunos das séries finais (4ª e 8ª séries) dos ciclos I e II do Ensino Fundamental. "Foi um trabalho gigantesco. Só o número de alunos examinados equivale a dez vezes o número de inscritos no vestibular 2002 da UNESP", afirma o diretor presidente da Fundação, Alvanir de Figueiredo. "É como realizar dez vestibulares de uma vez só."

Para enviar todas as provas, aplicadas em 29 de novembro, para as 89 Diretorias de Ensino de todo o Estado, foram necessárias mais de 30 mil caixas, contendo aproximadamente 40 toneladas de papel. "Como os estudantes fize-

ram as provas no período e na escola em que estudam, o exame dos alunos de 4ª série foi aplicado nos períodos da manhã e da tarde, e o de 8ª, nos períodos de manhã, tarde e noite, num esforço que exigiu o envolvimento de todos da Fundação", avalia o diretor de planejamento e desenvolvimento da Vunesp, Gessé Gerardi.

Um capítulo à parte nessa operação foi a logística para o atendimento de cerca de 140 alunos com necessidades especiais, como deficientes visuais, e 20 aldeias indígenas. "Alugamos barcos para examinar estudantes em diversas regiões do Estado, como o Vale do Ribeira", informa o diretor administrativo Luiz Roberto Trovati. "Outro ponto crucial foi coordenar o Seresp sem descuidar, simultaneamente, dos 20 concursos e 14 vestibulares que estavam realizando no período", completa Gerardi. "A Vunesp tem realizado um excelente trabalho e apresenta potencial para enfrentar, com competência, desafios cada vez maiores no futuro próximo", conclui o reitor da UNESP, José Carlos Souza Trindade.



Gerardi e Figueiredo: "dez vestibulares de uma vez só"

Hélio Toth

VESTIBULAR

O vaivém do mercado

Novas oportunidades de trabalho e cursos recém-criados alteram relações entre candidatos e número de vagas

As constantes transformações do mercado de trabalho fazem com que, a cada ano, novas carreiras ganhem destaque nos exames vestibulares. No caso da UNESP, cujo exame de seleção é realizado pela Fundação para o Vestibular da UNESP (Vunesp), Relações Internacio-

nais, novo curso oferecido no câmpus de Franca, recebeu inscrições de 2.514 candidatos para concorrer às 100 vagas. Foram 28,98 candidatos por vaga, no vespertino, e 21,30, no noturno. "A concorrência expressa a carência de profissionais qualificados para trabalhar nessa área, que exige pessoas com domínio da realidade mundial", diz o historiador Pedro Geraldo Tosi, do Departamento de Estudos Sociais Básicos e Educação e presidente da comissão de implantação do curso.

Embora o curso de Ciências Biológicas já venha sendo oferecido pela UNESP em outros câmpus, o fato de passar a ser ministrado no câmpus de São Vicente – o único de uma universidade pública no Litoral do Estado de São Paulo – chamou a

atenção de 1.328 vestibulandos, resultando numa relação de 33,20 candidatos por vaga. O agrônomo Antonio João Cancian, coordenador executivo do câmpus de São Vicente e membro da comissão organizadora do curso, observa que essa procura garante a seleção de 40 candidatos dignos na primeira turma. "As habilitações oferecidas, Gerenciamento Costeiro e Biologia Marinha, tratam de temas oportunos no contexto do desenvolvimento sustentado e devem ter motivado o estudante a buscar essa carreira", comenta.

Mesmo sendo o mercado um fator determinante na escolha de uma profissão, nada parece abalar o prestígio dos cursos de Medicina, Direito e Engenharia, historicamente os mais procurados. O curso de Medicina, oferecido no câmpus de Botucatu, por exemplo, obteve 97,23 candidatos por vaga. "O adolescente continua a ver a Medicina como uma profissão que oferece oportunidade certa de trabalho, daí a concorrência", diz a médica Eliana Goldfarb

Cyrino, coordenadora do curso. Direito, no câmpus de Franca, tem 47,44 candidatos por vaga no período matutino e 26,80 no noturno. Entre as Engenharias, os destaques ficam com a Engenharia de Alimentos (São José do Rio Preto), com 24,27 candidatos por vaga, e a Engenharia Elétrica (Bauru), com 21,10.

Para o Vestibular 2002, a UNESP obteve 85.884 inscritos para concorrer às 5.525 vagas oferecidas em 139 opções – 8,8% a mais do que no ano passado, quando teve 78.970 candidatos. Um segundo vestibular acontece em julho e oferece 160 vagas nos cursos de Agronomia, Engenharia Civil, Engenharia Elétrica e Engenharia Mecânica, somente no câmpus de Ilha Solteira. O diretor presidente da Vunesp, Alvanir Figueiredo, acredita que o aumento da procura pelo Vestibular da UNESP decorreu da criação de novos cursos e também da própria distribuição espacial da UNESP, em todo o Estado de São Paulo.

Os dez mais procurados

Medicina – Botucatu:	97,23	c/v
Direito (matutino) – Franca:	47,44	c/v
Fisioterapia – Presidente Prudente:	36,38	c/v
Medicina Veterinária – Botucatu:	34,09	c/v
Ciências Biológicas – São Vicente:	33,20	c/v
Enfermagem – Botucatu:	31,77	c/v
Ciências Biológicas – Botucatu:	30,97	c/v
Medicina Veterinária – Jaboticabal:	30,20	c/v
Psicologia (noturno) – Bauru:	30	c/v
Farmácia Bioquímica – Araraquara:	29,20	c/v

Fonte: Vunesp

ENTREVISTA

A importância da diferença

Especializado em rastrear a história das idéias, o filósofo italiano Gregorio Piaia defende a diversidade de pensamento como forma de evolução

O Colóquio Internacional "História e Historiografia da Filosofia", realizado em outubro, na Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da UNESP, câmpus de Marília, contou, entre seus convidados, com a presença do filósofo italiano Gregorio Piaia, da Universidade de Pádua, que proferiu a palestra "Os tesouros de Crateto: sobre a validade do estudo histórico da filosofia". Nascido em Belluno, província de Treviso, Itália, em 1944, Piaia é professor titular de História da Filosofia na tradicional Universidade de Pádua, fundada em 1222, e visita o Brasil pela sexta vez. É vice-presidente da Sociedade Filosófica Italiana e já publicou cerca de 120 trabalhos científicos. Nesta entrevista, exclusiva ao **Jornal da UNESP**, o filósofo reflete sobre a situação do mundo após os atentados às Torres Gêmeas e ao Pentágono, além de analisar a atual situação do ensino de Filosofia no Brasil.

Jornal da UNESP – *Sob uma perspectiva filosófica, como o senhor vê a crise mundial deflagrada a partir dos atentados aos EUA, em 11 de setembro?*

Gregorio Piaia – Do ponto de vista ético e filosófico, o que ocorreu é revoltante. Alguns suicidas trabalharam metodicamente – e, portanto, racionalmente –, por muito tempo, num projeto que tinha como objetivo o assassinato de milhares de pessoas de diversas nacionalidades. A história é plena de tragédias horríveis, mas esta que ocorre nos EUA encerra um desprezo total pela vida, em nome de um objetivo que é, rigorosamente, ideológico. O problema é que, em face de eventos similares, o mundo ocidental é impotente do ponto de vista ético. Estamos prontos para encher a boca com palavras como liberdade e direitos humanos, mas, ao mesmo tempo, praticamos um total relativismo de fundo nihilista.

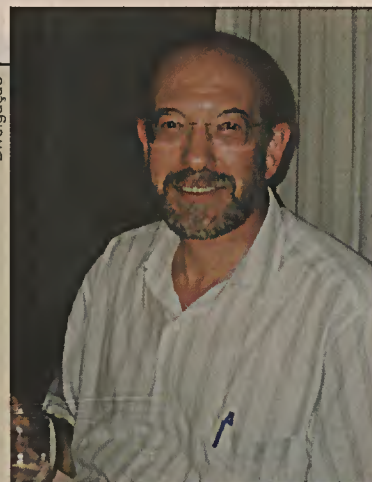
JU – *Qual o novo mapa político que se desenha no mundo, após o atentado?*

Piaia – Creio que, num futuro próximo, os EUA não poderão mais desempenhar sozinhos a função de polícia do mundo. Acredito também que Bin Laden e seus seguidores, sem saber, ofereceram um grande presente à Rússia e à China, que agora se tornam outra vez potências mundi-

ais, com direito de participação na política mundial. Para o mundo árabe e, mais genericamente, islâmico, o que ocorreu é um enorme infortúnio. Se não se distanciar do fundamentalismo, o Islã corre o risco de sofrer o mesmo que a Alemanha após a derrota de Hitler. Não é com fundamentalismo, nacionalismo e terrorismo que se resolvem problemas. Esses atalhos levam diretamente à ruína.

JU – *Como o conhecimento da História da Filosofia pode ser útil para entender melhor o mundo contemporâneo?*

Piaia – A história das idéias nos mostra como a humanidade chegou a pensar da maneira – ou das maneiras – como pensa hoje, ou seja, quais foram as categorias mentais, as visões de mundo, idéias, guias e tábuas de valores do passado que, muito freqüentemente, são diferentes das atuais. Mas o que é diferente nos força a refletir (a não ser que sejamos fundamentalistas...) sobre o efetivo valor de nossas convicções e nos obriga a aprofundá-las. Tudo isso aumenta nossa capacidade de compreensão, fazendo-nos "crescer".



Divulgação

Piaia: diversidade e crescimento

JU – *Como o senhor avalia o estudo da Filosofia no Brasil?*

Piaia – Esta é a sexta vez que venho ao Brasil. A primeira foi em 1993 e, a partir de então, tenho fortes relações de colaboração com muitos colegas brasileiros. Os estudos filosóficos no Brasil são relativamente recentes. Houve um primeiro momento de forte influência francesa, seguido de uma inundação da filosofia analítica, com alguns seguidores apaixonados por Heidegger. Falta ainda uma sólida tradição de estudos histórico-filosóficos. Vê-se demasiado à frente, e seria preciso refletir também sobre o passado. No Brasil, como na Itália, há muitos professores de filosofia e muitos intelectuais de profissão, mas não encontrei ainda "filósofos". Talvez o maior "filósofo" brasileiro seja Jorge Amado.

Durma-se com um barulho desses

Compositor canadense propõe uma “ecologia acústica” para resgatar paraíso auditivo

ALEJANDRO FABIAN

Para quem vive numa grande metrópole como São Paulo, ir para o interior pode ser um descanso para a mente, para os olhos e, segundo o compositor canadense R. Murray Schafer, também – e principalmente – para os ouvidos, cansados da poluição sonora que atinge os centros urbanos, imersos numa confusão sem igual entre máquinas, sirenes e motores.

Em *A afinação do mundo*, Schafer discute, com originalidade, essas e outras questões ligadas ao som. O conceito de “paisagem sonora”, criado pelo autor, permeia todo o livro e aponta quais sons devem ser preservados – o canto dos pássaros, por exemplo – e quais exigem controle – os altos decibéis dos aviões movidos a jato, entre outros.

Schafer, que escreveu um prefácio especialmente para esta edição brasileira, reflete sobre as mudanças do som na sociedade, incluindo o telefone celular, onipresente nos centros urbanos. Ele acredita, por exemplo, que o campo, a noite e a era pré-Revolução Industrial são, respectivamente, mais agradáveis para o ouvido do que a cidade, o dia e os tempos pós-industrialização.

Com a transição da vida rural para a urbana, teria ocorrido uma progressiva deterioração da qualidade do som. Nas indústrias, a partir do século XVIII, o barulho de fundições de ferro e o uso de novas fontes de energia, como o carvão e o vapor, contribuíram definitivamente para gerar cada vez mais ruído. Nas ruas, a chegada dos automóveis gerou progressivos congestionamentos, acompanhados das cada vez mais tonitruantes buzinas.

No século seguinte, a Revolução Elétrica foi igualmente plena de ruídos. O telefone, o fonógrafo e o rádio criaram e reproduziram um mundo de sons que é interpretado por Schafer pelos parâmetros da, por ele denominada, “ecologia acústica”, ou seja, a relação dos sons com uma comunidade e com a vida que nela se desenvolve.

A afinação do mundo tem dois apêndices. No primeiro, o Stanley Park, em Vancouver, é analisado com um sistema de notação sonora desenvolvido por Schafer, estabelecendo-se os locais de som mais e menos agradáveis. No segundo, é apresentado o resultado de uma pesquisa internacional de preferência sonora, em que os ruídos do oceano, da brisa e dos pássaros aparecem como campeões absolutos de sons apreciados pelos entrevistados. O resul-

tado não surpreende se lembrarmos que, segundo os mitos indianos da criação, quando só existiam a natureza e os deuses, os sons eram todos perfeitos. Coube ao homem o papel de contaminar o planeta com suas máquinas barulhentas.

Schafer, neste livro, busca resgatar o paraíso auditivo inicial do homem e

propõe até a “limpeza de ouvidos, um “programa sistemático para treinar os ouvidos a escutarem de maneira mais discriminada os sons, em especial os do ambiente”, alternativa para que o homem contemporâneo não ensurdeça perante a parafernália sonora que ele mesmo criou.



Quando abriu fogo, de Roy Lichtenstein (1964)



A afinação do mundo, de R. Murray Schafer. Tradução de Marisa Trench Fonterrada; Editora UNESP; 382 páginas; R\$ 33,00; 25% de desconto para a comunidade unespiana.

LANÇAMENTOS DE DOCENTES

LANÇAMENTOS DE DOCENTES

LANÇAMENTOS DE DOCENTES

LANÇAMENTOS DE DOCENTES



HISTÓRIA

De príncipes a mascates

Entre os viajantes estrangeiros que estiveram no Brasil, no início do século XIX, o príncipe prussiano Maximiliano de Wied-Neuwied é um dos menos conhecidos. Após permanecer no País de junho de 1815 a maio de 1817, ele publicou o livro *Viagem ao Brasil*, em 1820, relatando, por exemplo, seu contato com os índios botocudos, no Nordeste brasileiro. A análise desse trabalho, realizada pelo historiador José Carlos Barreiro, da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, câmpus de Assis, no ensaio “Identidades culturais e violência simbólica”, é um dos destaques desta publicação, que reúne 12 artigos, seis sínteses de dissertações e teses e oito resenhas, incluindo temas tão variados como a historiografia do Baixo Império Romano e a transição política no México. “Essa diversidade de enfoques enriquece a publicação, que existe desde 1993 e busca a divulgação e o debate do saber historiográfico”, comenta o historiador Antonio Celso Ferreira, um dos coordenadores da revista. Outro ensaio que se destaca, pela originalidade do tema, é “A religião dos mascates e das forradeiras”, de Lyndon de Araújo Santos, doutorando em História na FCL. “Abordo os primórdios do protestantismo no Brasil, estabelecido em meados do século XIX e consolidado no início do século XX”, afirma o pesquisador.

Pós-História – Revista de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Assis. 348 páginas; R\$10,00. Informações: (0xx18) 3322-2933 ou pelo e-mail revista.pos-historia@assis.unesp.br



RACISMO

Preto no branco

Vida corrida, trabalho mal remunerado, falta de tempo para conviver com os filhos e incerteza quanto ao futuro são os principais problemas relatados por 30 famílias negras entrevistadas pela psicóloga Irene Sales de Souza, da Faculdade de História, Direito e Serviço Social (FHDSS) da UNESP, câmpus de Franca, para a redação deste livro. “Essas respostas, no entanto, não são prerrogativas de sua cor, mas das camadas menos favorecidas da população”, afirma Irene. “O que une essas pessoas é a vivência de desigualdades. A sociedade teima, porém, em interpretar essas respostas como consequência da oposição entre branco e negro. Isso impede que os negros tenham acesso à luta individual, social e coletiva.” Essa conclusão foi obtida graças a diversas pesquisas sobre preconceito, iniciadas em 1993, junto a militantes de grupos negros de Franca e Ribeirão Preto, além de relatos obtidos por questionários aplicados a 200 professores de Ensino Básico. “No passado, o negro estava ligado à escravidão, aos instrumentos de castigo e à tortura. Hoje, a família e a escola são a base para a socialização adequada de crianças e jovens, porém, ela parece não estar preparada para lidar com os problemas inter-raciais”, conclui a psicóloga.

Os Educadores e as Relações Interétnicas: pais e mestres, de Irene Sales de Souza. Faculdade de História, Direito e Serviço Social da UNESP, câmpus de Franca; R\$10,00. Informações: (0xx16) 3711-1865 ou publica@franca.unesp.br



DIREITO

Todo cuidado é pouco

Embora o Brasil tenha reduzido drasticamente o número de acidentes de trabalho contabilizados pelos órgãos oficiais, ainda são muitos os trabalhadores que sofrem lesões, temporárias ou permanentes, durante o exercício de suas funções profissionais. Segundo o Instituto Nacional de Saúde no Trabalho, os acidentes beiram, a partir da segunda metade dos anos 1990, 400 mil casos anuais, número ainda elevado, embora bem menor do que o de 1987, um ano antes da proclamação da atual Constituição, quando foram contabilizados mais de 1 milhão de acidentes. “A Carta Magna foi, de fato, um divisor de águas. Em seu artigo 7º, inciso XXVIII, estabelece os princípios que permitem a responsabilização civil dos empregadores quando há a comprovação de culpa”, afirma o advogado Mauro Cesar Martins de Souza, da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) da UNESP, câmpus de Presidente Prudente. Neste livro, o docente conceitua o acidente de trabalho e enfoca a prevenção de riscos e o seguro social, além de fazer uma análise da responsabilidade civil decorrente do acidente de trabalho. “Em poucos casos, a máxima popular ‘prevenir é melhor do que remediar’ é mais verdadeira do que nos acidentes de trabalho.”

Responsabilidade Civil Decorrente do Acidente de Trabalho: doutrina e jurisprudência, de Mauro Cesar Martins de Souza. Prefácio de Almir Pazzianotto Pinto; apresentação de Rui Geraldo Camargo Viana; Agá Júris; 512 páginas. Informações: (0xx19) 234-1978 ou trade@correionet.com.br



O futuro a eles pertence?

Seminário internacional reúne 700 especialistas para debater situação do jovem na América Latina

Recentes dados do Fundo das Nações Unidas para a infância e a adolescência (Unicef) informam que, na América Latina, 15 milhões de crianças entre 5 e 14 anos sobrevivem nas ruas. Um contingente próximo à população da Holanda, onde, diga-se, as taxas de analfabetismo e miséria não atingem 1%. Para investigar quem são, como vivem e qual o futuro que aguarda essas crianças, a UNESP promoveu, entre

5 e 9 de novembro último, na Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), câmpus de Marília, o Seminário Internacional Sobre a Criança e o Jovem na América Latina. "Procuramos debater os vários aspectos relacionados às condições de vida e atuação da criança e do jovem na América Latina", afirmou a cientista social Ethel Kosminsky, coordenadora do evento e da Pós-Graduação em Ciências Sociais da FFC.

O seminário foi apoiado pelo Comitê de Pesquisa da Sociologia da Infância, da Associação Internacional de Sociologia, com sede na Espanha, e contou com 700 pesquisadores de diversas instituições, do Brasil e de países como Portugal, México, Argentina, Suécia, Chile, Estados Unidos, Alemanha e Espanha. Entre os temas abordados, estavam educação, saúde, família, violência e políticas públicas. "Vamos levar subsídios para o encontro mundial da Associação, que será realizado em 2002, na Austrália", informou Ethel. "Criamos também uma rede de pesquisadores para a realização de trabalhos conjuntos na área da criança e do jovem latino-americanos."

Convidado especial para proferir a palestra de abertura do seminário, o sociólogo português José Machado Pais, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, comentou que infância e juventude são elementos que se fundem e se confundem na América Latina. Ele lembrou que, na Europa, a obrigatoriedade de se frequentar a escola serve como referencial para que as pessoas possam passar por todas as etapas de sua formação. "Muitos dos jovens latino-americanos nunca tiveram infância, nunca viveram como meninos e, se são chamados de jovens, é mera falácia", enfatizou.



A coordenadora Ethel: subsídios para encontro mundial

ENGENHARIA

Boa e barata

Núcleo pioneiro estuda alvenaria estrutural

A alvenaria tem a função, na construção civil, de definir espaços geométricos e de proteger o homem das intempéries, impedindo a passagem de chuvas, ventos e sons. De maneira geral, o nome "alvenaria" é aplicado às paredes de uma construção, que podem ser levantadas com blocos de concreto ou de cerâmica ou com tijolos, normalmente queimados em fornos. Para investigar, racionalizar e tornar ainda mais seguro esse método, a UNESP criou o Núcleo de Estudos e Pesquisas da Alvenaria Estrutural (Nepae), na Faculdade de Engenharia (FE) da UNESP, câmpus de Ilha Solteira. É o primeiro laboratório brasileiro criado especificamente para o estudo da alvenaria estrutural. "Todo o conhecimento gerado no Núcleo ficará à disposição de nossos técnicos e pesquisadores", assegura o engenheiro civil Jefferson Sidney Camacho, coordenador do Nepae.

Uma das funções da alvenaria estrutural é a racionalização do custo da obra, tornando obsoleto, por exemplo, o uso das fôrmas de madeira, antes utilizadas para sustentar paredes e vigas construídas em concreto armado. "Essas fôrmas são quase outra construção dentro da construção", avalia Camacho. "Além de contribuir para diminuir o custo da obra, a alvenaria estrutural também reduz o desperdício de material, já que permite planejar o projeto e posicionar as instalações antes de as paredes serem erguidas."

Construído com recursos da Reitoria e da Prefeitura de Ilha Solteira, o laboratório tem 400 m² e custou cerca de R\$ 115 mil. Os equipamentos de pesquisa serão financiados pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).



Nepae: inédito no Brasil

CONSÓRCIO

Semeando para o futuro

UNESP assina termo de cooperação com universidades americanas

Com o objetivo de gerar maior integração curricular e facilitar o intercâmbio entre estudantes da Faculdade de Ciências Agrônomicas (FCA) da UNESP, câmpus de Botucatu, e quatro universidades norte-americanas, foi assinado, em novembro último, um termo de cooperação referente ao funcionamento do Consórcio Internacional para Promoção e Empreendimento: agricultura de precisão globalizada. "Em Botucatu, os estudantes americanos terão contato com a nossa tradição canavieira, com a citricultura e com as empresas florestais, enquanto, nos EUA, os alunos brasileiros poderão acompanhar, sobretudo, a produção de grãos", diz o diretor da FCA, Carlos Antonio Gamero.



Assinatura do convênio: Consórcio Internacional

O termo se insere no Programa do Consórcio em Educação Superior Brasil-Estados Unidos, administrado em conjunto pela Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), do Ministério da Educação, e pelo Fund for the Improvement of Postsecondary Education (Fipse), do Departamento de Educação dos EUA. "Das 29 solicitações enviadas pelo Brasil para participar do Consórcio, apenas 10 foram aprovadas. Isso mostra a seriedade de nosso projeto de colaboração", afirma o diretor.

O intercâmbio prevê a possibilidade que entre oito e dez alunos da FCA possam passar, a cada ano, de seis a doze meses em instituições parceiras dos EUA, como a Western Illinois University, a Arkansas State University, a Southeastern Community College, de Iowa, e a Jackson State Community College, do Tennessee, enquanto estudantes dos EUA poderão igualmente desenvolver suas atividades de pesquisa na FCA. "Este convênio coroa a nossa busca por novas parcerias que possam contribuir para qualificar melhor os nossos alunos que, a partir de agora, terão a oportunidade de estagiar nas mais importantes universidades americanas da área agrária", conclui Gamero.

LEITURA DINÂMICA

Estantes enriquecidas

Em 2001, a Coordenadoria Geral de Bibliotecas (CGB) recebeu o montante de R\$ 8.168.033,19, correspondente a 1,5% do orçamento da Universidade, para aquisição de livros, periódicos, mapas e partituras. "Só para a aquisição de livros didáticos foi dispensado um milhão de reais", afirma a biblioteconomista Mariângela Fujita, coordenadora da CGB e docente da Faculdade de Filosofia e Ciências, câmpus de Marília. O montante é resultado da Portaria UNESP 486, aprovada pelo Conselho Universitário em 14/12/2000. Pela Portaria, a Universidade deve dispor de um percentual anual de 1,5% a 2,0% do orçamento para atualização dos acervos das bibliotecas. "É imprescindível que nossos usuários encontrem material de pesquisa compatível com o grau de crescimento que a Universidade vem alcançando", diz Fujita.

Mineralogia para iniciantes

O primeiro ano de uma faculdade pode representar, também, o começo de grandes dificuldades na vida de muitos alunos. Logo de saída, ele recebe um grande volume de informação, que exige um certo grau de reflexão e abstração para os quais nem sempre está preparado. É esse o cenário, por exemplo, do curso de Geologia, onde é oferecida a disciplina Mineralogia Óptica, responsável por muitas reprovações logo no primeiro ano. Para melhorar o rendimento dos estudantes, o geólogo Antonio José Nardy, do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da UNESP, câmpus de Rio Claro, criou um suporte de ensino, em forma de apostilas, com os roteiros práticos das aulas. Esse material acabou evoluindo para o formato eletrônico e pode ser consultado pela Internet. Há dois anos no ar, tem recebido consultas de professores e estudantes de vários centros de ensino do Brasil e de países de fala portuguesa.

"Já recebemos mais de dez mil consultas", informa Nardy. "Mas o melhor é que as reprovações diminuíram". O endereço da página é www.rc.unesp.br/igce/petrologia/nardy/html



No ar, antes de mergulhar

Alunos do Instituto de Biociências (IB) e do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) da UNESP, câmpus de Rio Claro, obtiveram ótimos resultados no VII Campeonato Universitário Paulista de Trampolim Acrobático (Cupta) e no Torneio Nacional Universitário de Trampolim Acrobático (Tunatramp), realizados, em outubro último, nas Faculdades Integradas de Guarulhos. "Conseguimos resultados significativos entre 70 competidores de dez universidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul", afirma a educadora física Mônica Brochado, do IB. Dos 14 alunos da UNESP que participaram da competição, o destaque ficou com Acauã Brochado, do IGCE, campeão na categoria A, para saltadores federados, do Cupta. Entre as mulheres, no Tunatramp, Daniella Morelli dos Santos, do IB, foi campeã na categoria B, para saltadores de nível intermediário, e Luciana Santos Souza, do mesmo Instituto, obteve o título na categoria C, para saltadores iniciantes. Na classificação por equipes, a UNESP obteve, no Cupta, o título de campeão, na categoria A masculina e nas categorias B e C femininas. No Tunatramp, as equipes femininas da UNESP obtiveram o título nas categorias B e C.

Sinais ópticos amplificados

Seguindo uma estratégia nacional de aproximação com a iniciativa privada, a UNESP assinou, em julho último, por meio do Instituto de Química (IQ) do câmpus de Araraquara, um convênio com a Ericsson Telecomunicações S/A, válido por dois anos. A parceria visa o desenvolvimento de fibras ópticas especiais para a amplificação de sinais ópticos na região. O material desenvolvido pelo IQ servirá para a expansão da chamada Banda S, a ser utilizada futuramente para a transmissão de dados. "Mais importante do que o investimento financeiro é o desenvolvimento científico e tecnológico proporcionado pela parceria", diz o químico Younés Messaddeq, do IQ. Estimado em R\$ 520 mil, o contrato também ajudará a ampliar a infraestrutura da Universidade. "Duas torres para puxamento de fibras, com nove e cinco metros, já foram construídas nas dependências da UNESP e são as únicas da América Latina numa universidade."

CARTAS

MELHOR PERIÓDICO

Sou leitora assídua do *Jornal da UNESP*. Ele é, na minha opinião, o melhor periódico produzido por uma instituição de ensino. De maneira inteligente e instigante, atrai o leitor para suas reportagens e vai introduzindo, com naturalidade, o trabalho do câmpus que o produz, divulgando suas atividades. Outro ponto alto do jornal são os títulos das reportagens: "Cheia de encantos mil", "Amigo do peito", "Ponto sem nó" (edição de setembro, nº 160). Tudo isso faz o leitor amar os câmpus de Franca, Botucatu, Jaboticabal sem mesmo tê-los conhecido pessoalmente. Talvez este meu encanto com os títulos venha do contraste com as catastróficas manchetes dos nossos jornais e dos títulos áridos, sem graça, dos materiais produzidos nas instituições de ensino brasileiras. Com o último nú-

mero em mãos, quero também elogiar o bom gosto da capa. Para finalizar, mudou o papel ou mudou, ainda mais, a minha admiração por esse jornal?

Sylvia Figueiredo Gouvêa, diretora da Escola Nova Lourenço Castanho, em São Paulo, e Conselheira da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação.

RESULTADO PRIMOROSO

Parabéns pela qualidade e precisão científica, pelo desenvolvimento do tema e escolha das ilustrações. A reportagem *Mangia che te fa bene* (edição de setembro, nº 160), que aborda nossa pesquisa sobre os chamados "alimentos funcionais", saiu realmente primorosa.



Hércules Menezes, biólogo do Departamento de Bioquímica e Microbiologia do Instituto de Biociências da UNESP, câmpus de Rio Claro, e Eveline Bertola, nutricionista chefe do Hospital Santa Filomena, em Rio Claro, SP.

MARIAS-FUMAÇA

Na edição de novembro último, nº 162, o *Jornal da UNESP* publicou uma pequena resenha sobre o livro *Mulheres, Trens e Trilhos*, de Lídia Maria Vianna Possas. Como, no momento, elaboro estudo sobre o tema, gostaria de saber como adquirir a obra e como me corresponder com a autora. Virgínia Lemos, historiadora, Franca, SP.

Entre em contato com a Editora da Universidade do Sagrado Coração, em Bauru, pelo telefone (0xx14) 235-7278. Ou, se preferir, escreva para o e-mail vendasedusc@usc.br

SARTRE EM ARARAQUARA

O texto *O dia que Araraquara foi existencialista* (edição de setembro, nº 159), sobre a insólita visita que o filósofo francês Jean-Paul Sartre fez a Araraquara, em 1960, é merecedor de todos os elogios. Cursando, à época, o 2º ano de Medicina, na USP de Ribeirão Preto, desloquei-me até aquela cidade para acompanhar a palestra do sábio existencialista. Com precisão e elegância, a reportagem – e a entrevista exclusiva com o presidente Fernando Henrique Cardoso, so-

bre o tema – me fez recordar aqueles bons tempos, em que vivíamos, todos, imersos em idealismo e esperança. Parabéns! Wilson Bernardes, Ribeirão Preto, SP.

BÊ-A-BÁ NA PRISÃO

Folheando antigos jornais desta Universidade, tomei conhecimento do trabalho de alfabetização de presidiários desenvolvido pela professora Raquel Santos Sant'Anna, da Faculdade de História, Direito e Serviço Social do câmpus de Franca da UNESP. Como o trabalho me pareceu bastante similar ao que eu desenvolvo em presídios cariocas, gostaria de estreitar relações com a pesquisadora. É possível?

Estela Gomes de Almeida, Rio de Janeiro, RJ.

A reportagem que você menciona foi publicada pelo *Jornal da UNESP* na edição de novembro de 1998. O Grupo de Alfabetização Paulo Freire, coordenado pela professora Raquel Sant'Anna e integrado por alunos dos cursos de História, Direito e Serviço Social da FHDSS, câmpus de Franca da UNESP, pode ser contatado pelo telefone (0xx16) 711-1800.

AGENDA

RELAÇÃO DOS EVENTOS PROMOVIDOS PELAS UNIDADES NO MÊS DE DEZEMBRO

BAURU

- 12 a 14/12. 1º Encontro dos Profissionais de Recursos Humanos da UNESP. No Obeid Plaza Hotel (Auditório Bauru), Av. Nações Unidas, nºs 19-50. Informações: (0xx14) 234-5300, munhoz@azul.bauru.unesp.br ou www.obeidhoteis.com.br

GUARATINGUETÁ

- 3/12 a 18/02. Período de inscrição para o Curso de Especialização (Pós-Graduação *Lato Sensu*) em **Gestão da Produção**, a ser realizado de março a dezembro de 2002. 360 horas. Apoio: Núcleo de Estudos e Pesquisa da Engenharia de Produção da UNESP. Na Faculdade de Engenharia. Informações: mba-pro@feg.unesp.br



- 5/12. Término do período de inscrição para o curso de treinamento "Pára-raios – sistema de proteção contra descargas elétricas atmosféricas", a ser realizado de 8 a 15 de dezembro. Carga horária: 16 horas. Informações: (0xx12) 525-2800, ramais 311, 249 e 264, treinamento@feg.unesp.br ou www.feg.unesp.br/ensino/cursos/html

JABOTICABAL

- 7/12. Curso de Zootecnia de Precisão (Pecuária de Precisão). Na Sala 31 da Central de Aulas Prof. Marcos A. Gionnoni da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV). Informações: (0xx16) 3203-1322, ramais 202, 219 e 230 ou eventos@funep.com.br
- 8/12. Curso de Permacultura. No Centro de Convenções "Dr. Ivaldo Mello" da Faculdade de Ciências (FCAV). Informações:

(0xx16) 3203-1322, ramais 202 e 219 ou eventos@funep.com.br

MARÍLIA

- 15/12. Término das inscrições para o Curso Virtual em "Ensino de Filosofia", a ser realizado de 15/12 a 15/02. Coordenação: Paulo Ghiraldelli Jr., da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC). Informações: www.filosofia.pro.br/curso/cursovirtual ou pgjr@terra.com.br

PRES. PRUDENTE

- 14/12. Término das inscrições para o processo Seletivo 2002 do Programa de Pós-graduação, modalidade doutorado, em Ciências Cartográficas da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT). Informações: (0xx18) 229-5388, posgrad@prudente.unesp.br ou www.prudente.unesp.br/pos/cpgcc

S. J. DO RIO PRETO

- 6 a 13/12. Ciclo de palestras em **Segurança de Computadores e Redes**. Promoção: Laboratório ACME! Computer Security Research. Dia 6/12. "Ataques a computadores e o modelo ACME! de detecção, com Luciano Bernardes de Paula. Dia 13/12. "Simulador de redes neurais e aplicações em segurança", com Euripedes Laurindo Lopes Junior. Às 20h. No Auditório B do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE). Informações: (0xx17) 221-2456, na Central de Apoio e Divulgação Acadêmica ou cada@ibilce.unesp.br

SÃO PAULO

- 3 a 7/12. Curso **Gramática de Usos do Português**, com Maria Helena de Moura Neves, autora do livro *Gramática de usos do português* (Editora UNESP) Das 17 às 21h. Carga horária: 20 horas. Na Universidade do Livro. Na Praça da Sé, 108. Informações: (0xx11) 3242-9555, com Cleide Santos, ou universidadedolivro@editora.unesp.br
- 10/12. Curso **Direito Autoral**: Contratos e Direito Autoral: Internet, com Maria Helena de Moura Neves, autora do livro *Gramática de usos do português* (Editora UNESP). Das 8h30 às

- 18h. Carga horária: 8 horas. Na Universidade do Livro. Na Praça da Sé, 108. Informações: (0xx11) 3242-9555, com Cleide Santos, ou universidadedolivro@editora.unesp.br
- 11 a 13/12. Curso **Captação de Recursos**: princípios e técnicas, com Marili Nagayama. Das 9h às 13h. Carga horária: 12 horas. Na Universidade do Livro. Na Praça da Sé, 108. Informa-

- ções: (0xx11) 3242-9555, com Cleide Santos, ou universidadedolivro@editora.unesp.br
- 14/12. Palestra **Einstein e o espaço-tempo**, com Gerson Francisco, do Instituto de Física Teórica (IFT), no ciclo Física ao Entardecer. Às 18h30. No Auditório do IFT. Rua Pamplona, 145. Informações: (0xx11) 3177-9073/9029 e natala@ift.unesp.br

ENCONTRO

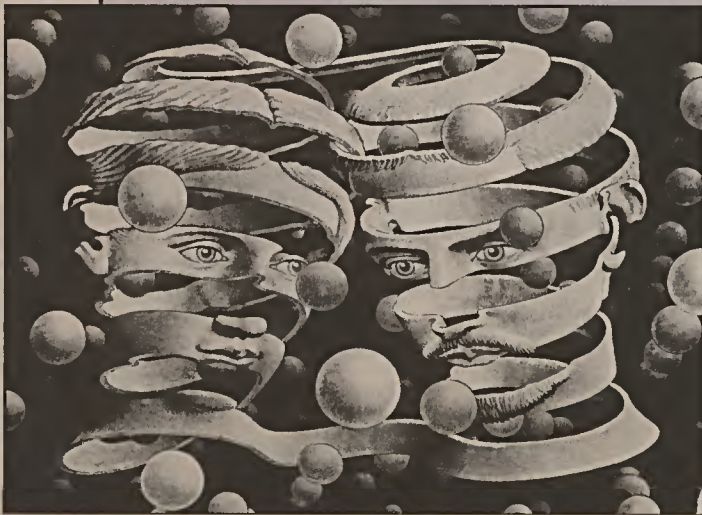
Educação especial para seres especiais

Evento discute questões ligadas ao ensino de crianças com deficiência mental

A educação especial é um tema que vem ganhando relevância em todo o Brasil a partir da última década, principalmente pelos esforços de pais e profissionais da área para dar maior visibilidade às questões de marginalização que envolvem as crianças com algum tipo de deficiência mental. Justamente para ampliar essa discussão, a habilitação "O ensino do deficiente mental" do curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, câmpus de Araraquara, promove, de 3 a 7 de dezembro, nos Anfiteatros A e B da faculdade, o "Encontro de Educação Especial: estudos, debates e vivências". "O principal

objetivo é construir um fórum de discussões de temas relevantes e atuais na área da educação especial", diz uma das coordenadoras do evento, Maria Júlia Canazza Dall'Acqua, do Departamento de Psicologia da Educação da FCL.

O lema do encontro – "Primeiro reconheci o que ela nunca seria, depois aprendi o que ela não precisava ser e, finalmente, acredito que a aceitei como ela é e pode ser" –, frase de uma mãe de criança com Síndrome de Dawn, dá o tom das discussões. "Mesas-redondas sobre formação de professores, fatores biológicos e prevenção de deficiências, escolarização e práticas pedagógicas são os destaques", afirma Maria Júlia. O evento contará ainda com *workshops* e apresentações do Grupo Bombolêla Street Dance Company, de inclusão para pessoas portadoras de deficiência, e do Grupo Artístico Sem Limites, da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) de Poços de Caldas, MG. Informações: (0xx16) 232-0444, na Seção de Finanças ou <http://encontroeducacao.vila.bol.com.br/index.html>



Vem muito mais por aí

Universidade celebra seus 25 anos com festa para 1.200 pessoas, no Memorial da América Latina

Durante duas horas, no Auditório Simón Bolívar do Memorial da América Latina, no bairro da Barra Funda, em São Paulo, a UNESP revisitou o seu passado, celebrou o seu presente e refletiu sobre o seu futuro. A festa de gala, realizada na tarde do último dia 3 de dezembro, à qual compareceram cerca de 1.200 pessoas, marcou as comemorações dos 25 anos da Universidade e teve apresentações musicais, outorgas de títulos de professor emérito e *Honoris causa*, homenagens, falas do reitor José Carlos Souza Trindade, do secretário de Estado da Ciência e Tecnologia e Desenvolvimento Econômico, Ruy Martins Altenfelder Silva – que representou o governador paulista Geraldo Alckmin – e do médico infectologista Domingos Alves Meira, da Faculdade de Medicina do câmpus de Botucatu, além do lançamento de dois livros. “Foi um momento de confraternização para toda a UNESP, que é hoje a segunda maior universidade pública do País”, disse o reitor, após a cerimônia.

Estiveram também presentes os reitores da USP, Adolpho José Melfi, e da Unicamp, Hermano Tavares, a Secretária de Estado da Educação de São Paulo, Rose Neubauer, o presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), Carlos Henrique de Brito Cruz, o diretor presidente da Fundação Unesp, Alvanir de Figueiredo, deputados estaduais paulistas e prefeitos de Botucatu e Rio Claro, cidades em que a UNESP tem câmpus, e Tupã e Iperó, nas quais a Universidade pretende estabelecer unidades. “O evento mostrou a força da UNESP como uma instituição jovem e com grande potencial de crescimento”, afirmou o pró-reitor de extensão universitária Benedito Barraviera, presidente da Comissão Organizadora dos festejos.

A sessão solene e extraordinária do Conselho Universitário (CO), que celebrou o Jubileu de Prata da Universidade, teve início com a entrada do cortejo acadêmico. Ao som da *Marcha Triun-*



Cerimônia: momento de confraternização



Trindade: olhar para o futuro

fal, da ópera *Aída*, de Verdi, executada pela Orquestra de Câmara da UNESP, sob regência do seu diretor artístico, Carlos Kaminski, do Instituto de Artes (IA) da UNESP, câmpus de São Paulo, os integrantes do CO, em vestes talares (borla e capelo com cores representando as vá-

rias áreas do conhecimento), tomaram seus assentos no Auditório, de onde acompanharam a execução do Hino Nacional, cantado pelos Corais da UNESP de São José dos Campos e da Reitoria, regidos, respectivamente, por Sandra Mendes de Souza e Joel do Prado. “Ao ver o CO reunido, hoje, em traje acadêmico de gala, torna-se ainda mais gratificante ter acompanhado o nascimento da UNESP, o seu desenvolvimento e a sua busca constante de crescimento”, disse Meira, em breve fala na qual discorreu sobre o processo de criação da Universidade (*leia trechos desse discurso na página 2 desta edição, na seção Opinião*).

Em seguida, a Orquestra interpretou “Águas de março”, de Tom Jobim, em

arranjo de Paulo de Tarso Sales, com solo do professor de violão do IA Giacomino Bortoloni. O momento musical antecedeu a entrega do título de Professor Emérito ao odontólogo Tetuo Okamoto, da Faculdade de Odontologia do câmpus de Araçatuba, e do título de *Honoris causa* ao economista Celso Furtado, que, impedidos de comparecer, enviaram representantes. Também foram homenageados os ex-reitores da UNESP, docentes e servidores técnico-administrativos escolhidos pelas unidades. “É um grande prazer ver todas essas pessoas reunidas e ter contribuído para isso”, disse o geólogo Paulo Milton Barbosa Landim, reitor da UNESP de 1989 a 1993.

Após as homenagens, foi executada a primeira audição do “Hino do Jubileu de Prata da UNESP”, com letra de Júlio Bellodi, música de Edmundo Villani Côrtes e interpretação da soprano Priscilla Borges e do barítono Amadeu Góis, todos do IA. Após esse momento musical, o secretário Altenfelder fez uso da palavra. “A UNESP é a mais bem-sucedida experiência multicâmpus do Brasil. Embora jovem, ela se destaca pelo seu elevado nível cultural”, afirmou.

O último a falar foi o reitor José Carlos Souza Trindade, que destacou a importância da festa como um momento de prestar agradecimentos, conceder homenagens, reafirmar compromissos e realizar reflexões. “É a hora de agradecer a todos os que organizaram este evento marcante, homenagear aqueles que nos

auxiliaram na construção do que hoje somos, assegurar nosso padrão de comportamento ético, baseado na moderação e no diálogo, e olhar para o futuro, atendendo a demanda da sociedade por novas vagas, cursos e câmpus, seguindo o princípio de assegurar ensino público superior gratuito de qualidade”, declarou. (A íntegra do discurso do reitor vem encartada nesta edição.)

O reitor realizou ainda uma avaliação de seus primeiros 10 meses de gestão, ressaltando a inauguração do câmpus do Litoral Paulista, a abertura de 13 novos cursos e 530 novas vagas no vestibular de 2002, que teve aproximadamente 85 mil candidatos, um aumento de 8,8% em relação a 2001. “O Projeto Pedagogia Cidadã, que objetiva oferecer educação superior a 40 mil professores de ensino infantil e fundamental dos municípios e do Estado, o Programa de Ensino a Distância, a Descentralização Administrativa, a criação das Coordenadorias por Áreas e o Programa Adote um Aluno são outros passos importantes”, afirmou Trindade.

Após a cerimônia, encerrada com a execução de *Mourão*, de Guerra Peixe, foram distribuídos os dois livros lançados. Um deles, *Leituras de Brasil*, é resultado de amplo concurso realizado em 2000 por iniciativa da Proex, que visava buscar manifestações artísticas junto à comunidade de professores, alunos e funcionários, tendo como tema as comemorações de 500 anos de Brasil. “A obra é uma soma de visões do Brasil, oriundas de uma de suas academias, a UNESP”, diz o presidente da comissão organizadora do concurso, Rogério Elpídio Chociay, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Humanas do câmpus de São José do Rio Preto. A outra publicação, *Os 25 Anos da*

UNESP sob o Olhar da Imprensa, é um projeto da Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI) da UNESP, com a colaboração do Centro de Documentação e Memória (Cedem), e conta com a apresentação do governador Geraldo Alckmin, prefácio do reitor Trindade e introdução do assessor chefe da ACI, Cesar Mucio Silva. “É mostrado o conceito de criação da UNESP e, em seguida, são reproduzidas reportagens e notícias sobre a Universidade veiculadas em jornais e revistas da Capital e do Interior”, explica Anna Maria Martínez Corrêa, diretora do Cedem, que assina o primeiro capítulo.

A comunidade unespiana saiu da festa certa de que a UNESP já fez muito em seus 25 anos e que pode realizar ainda mais desde que, além de se manter um centro de irradiação crítica às instituições, mantenha e exercite a sua capacidade de autocritica e de repensar metas e rumos. “Para continuar contribuindo com o desenvolvimento tecnológico do País, a UNESP deve manter uma vigília sem cochilos, conservando o que tem de bom e prestando especial atenção a suas falhas. Dessa conjugação de esforços, sairá mais forte”, concluiu o reitor.



Festa de encerramento: convidados ilustres e Orquestra de Câmara



Fotos Regina Agrella